



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES- IDA
DEPARTAMENTO DE MÚSICA- MUS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PRÁTICAS MUSICAIS DE ORQUESTRA E CORAL NO CENTRO DE
ENSINO AVE BRANCA**

CLARICE CABRAL

BRASÍLIA

2015

CLARICE CABRAL

**PRÁTICAS MUSICAIS DE ORQUESTRA E CORAL NO CENTRO DE
ENSINO AVE BRANCA**

Trabalho de conclusão de curso submetido
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Música.

Orientadora: Prof. Dra. Delmary V. de Abreu

Brasília-DF

2015

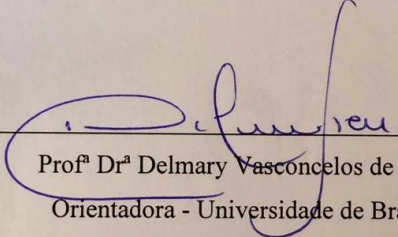
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CLARICE CABRAL

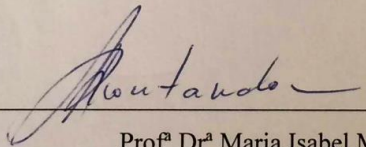
PRÁTICAS MÚSICAIS DE ORQUESTRA E CORAL NO CENTRO DE ENSINO AVE BRANCA: UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado, apresentado a Universidade de Brasília – UnB, no Instituto de Artes - IdA, Departamento de Música - MUS como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Música com nota final igual a SS sob a orientação da Professora Dr^a Delmary Vasconcelos de Abreu, segundo o Ato n. 45/2015 do dia 11/12/2015, nomeando banca de avaliação.

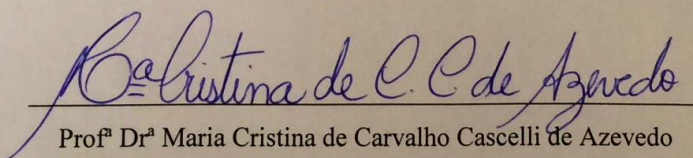
Brasília, 11 de dezembro de 2015.



Profª Drª Delmary Vasconcelos de Abreu
Orientadora - Universidade de Brasília



Profª Drª Maria Isabel Montandon
Membro da Banca - Universidade de Brasília



Profª Drª Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo
Membro da Banca - Universidade de Brasília

Dedicatória: à minha querida mãe e ao meu pai que foram meus principais motivadores no aprendizado da arte musical e que sempre me apoiaram em todos os momentos difíceis nessa trajetória formativa.

AGRADECIMENTOS

Minha sincera gratidão:

Ao nosso Deus que nos deu saúde, equilíbrio e força, sendo minha grande e primeira inspiração para chegarmos até aqui, e nos presenteou com essa dádiva de ser musicista;

Aos meus queridos pais e irmã por serem meus primeiros professores, e motivadores e me apoiarem nos momentos mais difíceis no decorrer do curso;

À minha amada avó por sua grande compreensão e apoio em relação a minha ausência a fim de me dedicar aos meus estudos na minha constante formação da docência;

À minha orientadora, Professora Dra. Delmary Vasconcelos de Abreu por ter o dom de me conduzir com grande motivação e sapiência na orientação deste trabalho;

Às professoras Dra. Maria Isabel Montandon e Dra. Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo, por acolherem esta pesquisa em forma de monografia, dispondo-se a lerem-na e avaliá-la, contribuindo para a ampliação das ideias nela expostas;

Ao corpo docente, discente e técnico-administrativo do Departamento de Música da UnB, pelo enriquecimento proporcionado à minha trajetória formativa.

Resumo: Este trabalho teve como objetivo conhecer as práticas musicais de Coral e Orquestra do Centro de Ensino Médio Ave Branca – CEMAB da cidade de Taguatinga/DF. A revisão de literatura traz autores que discutem sobre a prática coral e a de orquestra, com ênfase no espaço escolar. A metodologia da pesquisa foi de caráter descritivo. Foram realizadas duas entrevistas e observações de aulas dos professores de coral e da orquestra da escola. Os resultados encontrados apontam que a prática musical é desenvolvida no contraturno de alunos do ensino médio, uma vez que a escola é de tempo integral. O foco do ensino de música nesse espaço escolar está nas apresentações musicais para a comunidade externa.

Palavras-chave: Educação musical escolar no DF. Práticas musicais de coral e orquestra; Ensino médio. Pesquisa descritiva.

Abstract: This study aimed to know the musical practices of Coral and Orchestra CEMAB School. The choice of locus happened to be a pioneer school in the Federal District and have not yet been explored as an object of study in school music education area in Distrito Federal. The literature review brings authors discussing about the choir practice and orchestra, with emphasis on the school environment. The research methodology was exploratory. Two interviews and class observations of coral teachers and the school orchestra have been realized. The results were that musical practice is developed in high school. The results were that musical practice is developed in high school students on different class schedule, focusing for musical performances to the external community .

Keywords: School music education in the Federal District . Musical practices of choir and orchestra ; High school. Descriptive Research.

LISTA DE ABREVIATURAS

CEMAB	Escola de Ensino Ave Branca
DF	Distrito Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
PAS	Programa de Avaliação Seriada
UnB	Universidade Brasília

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	12
Figura 2	12
Figura 3	13
Figura 4	33
Figura 5	33
Figura 6	34
Figura 7	40
Figura 8	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1 Breve panorama do ensino de música no Distrito Federal.....	12
2.2 Música no Ensino Médio.....	14
2.3 Práticas Musicais de coro e Orquestra na Escola	15
2.4 Práticas Musicais de Professores na Escola.....	18
3. METODOLOGIA.....	20
3.1 Abordagem qualitativa	20
3.1.2 Técnica de Pesquisa: Entrevista Semiestruturada	20
3.2 Campo empírico da pesquisa	21
3.3 Procedimento de Entrevista.....	24
4 PRÁTICAS MUSICAIS NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO AVE BRANCA	25
4.1 CORAL VOCALIZE	25
4.1.1 Sobre o professor do Coral	25
4.1.2 Sobre a prática coral	25
4.1.3 Sobre a técnica vocal na prática coral	27
4.1.4 Sobre produções e apresentações do coral.....	29
4.2 Sobre a Orquestra do CEMAB	34
4.2.1 Sobre o professor da orquestra e aspectos históricos	36
4.2.2 Sobre a prática da Orquestra	38
4.2.3 Apresentações do Coral e Orquestra.....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	49
7. APÊNDICES.....	51
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido	53
APÊNDICE B - Carta de Cessão de Direitos	56
APÊNDICE C - Roteiro de Entrevistas	60
ANEXOS	61
ANEXO 1 – JORNAL CEMAB PROIPÊ.....	62
ANEXO 2 – FOLDER.....	67
ANEXO 3 – APOSTILA	70

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso originou-se a partir de uma pesquisa concluída no projeto de iniciação científica – PIBIC que consistiu em fazer um levantamento de fontes documentais contendo entrevistas com professores de música pioneiros que atuaram nas escolas de educação do Distrito Federal – DF na década de 1960. (CABRAL, 2015, p. 78)

Nesse levantamento realizado na pesquisa do PIBIC aparecem nas fontes documentais, as primeiras escolas públicas do Distrito Federal que tinham música em seus currículos. Estas escolas são: CASEB, Elefante Branco, Escola Parque 308 sul e CEMAB na cidade de Taguatinga. (CABRAL, 2015)

Escolhi para este trabalho conhecer uma dessas escolas citadas na pesquisa, que é o Centro de Ensino Médio Ave Branca – CEMAB pela referência histórica de práticas de coro e orquestra, grifadas por mim anteriormente, iniciadas na década de 1960 pelo maestro Levino Ferreira de Alcântara (cf. ABREU, 2014, p 09), e por ter nos dias atuais essas práticas.

Outro motivo que me levou a desenvolver este trabalho foram as minhas práticas musicais vivenciadas em coros e orquestras em diferentes espaços, inclusive na Universidade de Brasília – UnB no período de 2012 a 2015, período em que cursei a licenciatura em música.

Durante o meu curso, tive a oportunidade de lecionar nas séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola particular na área musical, e pude verificar a importância do papel estabelecido pela música na formação da criança e do adolescente, estimulando não só o desenvolvimento da percepção espacial, rítmica e auditiva, como também a sociabilização, audição e experimentação da sonoridade que está ao seu redor, a sonoridade do próprio corpo. A prática em projetos de extensão, com projetos de musicalização, foi fundamental para perceber elementos importantes, tais como: a interação com o outro, consigo mesmo, capacidade de criar, experimentar, valorização da auto-estima.

Isso me faz recordar o tempo em que a música se fez presente na minha infância em João Pessoa, no Projeto Espiral de orquestra comunitária, que me

proporcionou alegria e um bom retorno ao ambiente escolar, pois me ajudou na capacidade de estimular a comunicação com os demais, na concentração, na capacidade de trabalhar e de me relacionar melhor em grupo, além do estímulo da sensibilidade estética e artística e muita imaginação para compor música nos dias atuais.

Então, um dos meus sonhos era conhecer uma escola que desenvolvesse práticas de orquestra. Quando soube da Escola CEMAB, consegui encontrar elementos para juntar as peças da minha colcha de retalhos e dar continuidade em projetos educacionais, fruto da minha vivência positiva que tive na infância, por intermédio da música e dança.

Assim tomo como objetivo geral da pesquisa conhecer quais as práticas musicais existentes na escola; Como objetivos específicos: identificar quais são as práticas musicais, e como são desenvolvidas; saber quem são os integrantes e o repertório executado; observar como ensaiam e organizam suas apresentações musicais.

Diante desses objetivos, no capítulo 1 trago algumas literaturas que tratam das práticas de coro e orquestra em escolas de educação básica, bem como pesquisas que tratam do ensino de música no contexto escolar de escolas do DF. No capítulo 2 trago a abordagem metodológica escolhida para esta pesquisa e o processo de inserção no campo empírico. No capítulo 3 apresento a análise e interpretação das entrevistas realizadas com os professores do coral e orquestra. Por fim, nas considerações finais apresento as contribuições desta pesquisa e aponto caminhos investigativos futuros.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Breve panorama do ensino de música no Distrito Federal

No Brasil, a área de Educação Musical tem se mostrado um campo amplo e em crescimento, o que inclui o Distrito Federal. Em literatura concernente, é possível observar o crescente surgimento de estudos e pesquisas relacionados à temática do ensino de música nas escolas do Distrito Federal.

Trago para este trabalho alguns estudos relacionados à temática desta pesquisa que podem contribuir para conhecer as práticas musicais desenvolvidas pelos professores de música do CEMAB.

Na pesquisa realizada por Lobato (2007, p. 53), “a música está presente de diversas formas em nossas vidas, ocupa papel significativo na vida dos brasileiros. No entanto, estamos ainda a encontrar seu lugar na escola”. No que se refere as escolas públicas do Distrito Federal, a autora menciona que ao chegar em Brasília no ano de 1988 foi atuar na “periferia de Brasília” (p. 18), e que o ensino de música era consolidado apenas nas Escolas Parque, local em que foi atuar posteriormente.

Podemos encontrar ressonância nessa fala de Lobato (2007) no relato do maestro Levino Ferreira de Alcântara, de que o Plano Piloto era privilegiado com aulas de música nas escolas Elefante Branco e Escola Parque 308 sul, e que foi por isso que, ao passar no concurso público como professor de música, no ano de 1962 que escolheu atuar fora do Plano, isto é, na cidade de Taguatinga. Isso pode ser confirmado no relato do maestro Levino Alcântara. Ele disse:

Em 1962 me mudei para Brasília. Fui convidado pelo pai do Ataíde, o atual diretor da Escola de Música de Brasília. A Secretaria de Educação queria que eu ensinasse música na escola, que eu fizesse coral nas escolas [...] Só havia, de início, a CASEB e o Elefante Branco. A Escola Normal, naquela época, funcionava no Elefante Branco. Fui nomeado professor de música em uma escola pública de Brasília, na escola Elefante Branco, mas eu não quis o plano piloto. Eu quis Taguatinga porque lá não tinha nada especial nas escolas. Comecei a fazer meu trabalho de base [...] Criei o coro madrigal com professores, alunos e serventes da escola de Taguatinga. Chamava-se coral de candangos. Esse trabalho nas escolas foi

chamado de programa de educação musical nas escolas.
(ABREU, 2015, p. 14)

Ainda na pesquisa de Abreu (2015), “Levino contou que na época da fundação de Brasília, a música era mantida como uma disciplina exclusiva, separada do ensino de arte”. Isso, nas palavras de Carlos Galvão (2003), que foi aluno de Reginaldo de Carvalho, acontecia no curso ginásial no CASEB¹, e no ensino médio no Elefante Branco” (ABREU, 2015, p. 14).

Encontramos apenas nesse relato do pioneiro, maestro Levino Ferreira de Alcântara, modos como o ensino de música era realizado na cidades satélites, neste caso Taguatinga. Assim, são escassas as pesquisas em educação musical, realizadas no Distrito Federal, que discutem o ensino de música escolar fora da cidade de Brasília como essas desenvolvidas por: (LOBATO, 2007; BEZERRA, 2013; SENNA, 2013; MONTEIRO, 2014; MARQUES, 2015, fazem um levantamento DF.

Pelo que pode ser observado acima, de fato há poucos estudos que tratam do ensino de música escolar nas demais cidades do Distrito Federal. Dos diversos trabalhos encontrados, apenas dois se referem a música na escola fora da cidade de Brasília, tratados pelos autores (RÊGO, 2004; GAIO, 2012). Os estudos de Gaio (2012) abordam sobre a importância da inserção de ritmos brasileiros para a educação musical na escola regular na educação de jovens e adultos – EJA, na cidade de São Sebastião.

Com relação à pesquisa de Rêgo (2004), intitulada como, “O coral e a interdisciplinaridade no Ensino Médio Centro Educacional II de Taguatinga”, é a que mais se aproxima desta pesquisa pela localidade e assunto.

A autora discute a sua experiência com alunos do 1º ano do Ensino Médio do Centro Educacional 02 de Taguatinga/DF. Nesse trabalho é relatada a atividade do canto coral e da importância que o mesmo tem na interdisciplinaridade com Artes Visuais e sociologia, além de “levar o aluno a utilizar a sua voz como instrumento musical e conhecer o patrimônio cultural

¹ CASEB, o primeiro centro de ensino médio de Brasília, herdou a sigla da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, teve sua inauguração realizada no dia 16 de maio de 1960. (fonte: Revista Eape Revista de Estudos Sobre a Educação Pública, Brasília, v.1, n.1, ago. 2013, disponível em file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/9-33-1-PB%20(1).pdf)

que é a música brasileira e como ele está inserido na história do nosso país nos diversos momentos.” (RÊGO, 2004, p. 1)

Para uma melhor aprofundamento da temática desta pesquisa busquei alguns estudos da área de educação musical que tratam da música na escola de educação básica no Ensino Médio e, mais especificamente, com práticas musicais de coro e orquestra.

2.2 Música no Ensino Médio

Muitos trabalhos publicados, que tratam da música no ensino médio, perpassando pela relação dos jovens com a música, podem ser encontrados em Arroyo (2013). Os jovens do ensino médio investigados por Santos (2009) foram considerados pela autora como sujeitos que são diferentes por suas individualidades e características pessoais, mas que, por outro lado, assemelham-se pelas relações sociais e pela condição que os coloca na escola, como alunos em confronto com a necessidade de aprender. Para a autora pensar no perfil do aluno que frequenta a escola, é reconhecer a sua diversidade seja nos aspectos social, de gênero, de idade, de etnias, de gostos, de opiniões, de ideias.

Um dos resultados da pesquisa de Santos (2009) é que os alunos atribuem sentido à aula de música a partir de suas vivências, tendo a si mesmo como referência. Assim, conseguem se colocar no lugar do outro ao simular uma situação de ensino e aprendizagem em música e indicar abordagens de ensino, criticar, dar ideias, bem como identificar possíveis processos de ensino e aprendizagem em música. Santos (2009) elucida, ainda, que quando o aluno fala daquilo que sabe de música indica conteúdos para ensino de instrumentos e apreciação musical. Para a autora, os alunos indicam que a escola serve para ajudá-los a saber ouvir música de forma diferente, saber interpretar e saber tocar bem. A aula de música é um espaço que possibilita a aceitação do outro, a partir do tipo de música que o outro gosta.

No que se refere à música no ensino médio dos Institutos Federais podemos encontrar na pesquisa de Rêgo (2013) que analisa a forma que os jovens do Instituto Federal do Maranhão, campus Monte Castelo, interagem

com a música em seus diversos contextos escolares ou não escolares. Portanto, conforme Rêgo (2013, p.120), os resultados de sua pesquisa mostraram que as interações com a música produziram elementos que definem os itinerários pessoais dos jovens. O espaço escolar foi apresentado pelos jovens do IFMA, como insuficientes para o desenvolvimento das atividades artísticas ou de lazer. A ausência de atividades e projetos artísticos e musicais foi outra demanda exposta pelos jovens, visto que essas ações não ocorrem com regularidade e diversidade de opções.

2.3 Práticas Musicais de coro e Orquestra na Escola

No que diz respeito à prática do coral, o canto coletivo se configura como uma prática músico-vocal presente em diversos contextos e culturas. Pessoas de diferentes faixas etárias apreciam o ato de cantar em grupo e se engajam nesta empreitada, utilizando o instrumento musical que faz parte de seu corpo: a voz. Sobreira (2013, p. 12), afirma que “cantar é bom e cantar em grupo é melhor ainda”.

A vivência do canto coletivo propicia aos indivíduos uma experiência de trabalho em grupo, de companheirismo, de aceitação e de igualdade o que dizer do coro no qual uma coleção heterogênea de vozes é mantida junta, de tal modo que a nenhuma voz é permitido que se coloque acima da mistura homogênea do grupo? O canto coral é o mais perfeito exemplo de comunismo, jamais conquistado pelo homem (SCHAFER, 1991, p. 279) Mas, afinal, o que é cantar em coro? O que é coro juvenil? Quem é o profissional habilitado a trabalhar com coros juvenis? Esses questionamentos surgiram com o propósito de fomentar a reflexão a respeito da formação do profissional que desenvolve o trabalho de canto coral: o regente coral.

De acordo com Mardini (2007), o regente é o profissional habilitado a trabalhar com os mais variados grupos vocais ou instrumentais, conduzindo-os de acordo com seus objetivos e propostas e auxiliando no desenvolvimento musical e social de seus cantores ou instrumentistas. Figueiredo (1990) comenta que é fundamental que os regentes reflitam sobre a atividade coral, lembrando-se de sua função educacional, pois “através dessa reflexão haverá

maiores possibilidades de desenvolvimento consistente do conhecimento musical, que conduzirá, seguramente, ao aprimoramento da prática coral” (FIGUEIREDO, 1990, p.90).

O estudo de Joly (2007 apud Dias 2011, p. 197) aborda que o coral também é um espaço onde se estabelecem e se intensificam relações e laços de amizade, que visa ao “estabelecimento de relações de proximidade, de acolhimento e de pertencimento”. Assim, as atividades corais servem de instrumentos de ação e interação social.

Dias (2011, p. 26) diz que: “na prática coral, as pessoas desempenham papéis claramente preestabelecidos pela necessidade de conviver com o outro, pelo próprio ato de cantar e pelas situações de *performance*, onde literalmente se põem no palco.” Para discutir as interações em coros, a autora traz outros pesquisadores que também discutem a temática sobre coros que dizem respeito ao pertencimento, a identificação com determinado grupo, a comunidade, a performance. Destacamos alguns desses autores que tem foco no coro para jovens como é o caso de Schmeling (2005) e Santa Rosa (2006) que trabalham com coro cênico.

Com relação às práticas de orquestra na escola tomo o trabalho de Santos (2013) que discute o caso da orquestra que tem o mesmo nome da escola “Orquestra Villa-Lobos” localizada na cidade de Porto Alegre/RS. A autora diz, que essa é uma prática coletiva que tem como objetivo as apresentações e os espetáculos como a culminância da aprendizagem musical. Além dos objetivos musicais, Santos nos conta que:

Os vínculos afetivos vão sendo fortalecidos pelo convívio e pela prática coletiva, cultivando o que os próprios integrantes denominam como segunda família, criando a ambivalência entre a estrutura rígida e formal de uma orquestra com o ambiente acolhedor da segunda família. Essa prática coletiva foi fazendo sentido para a instituição por suas ações e resultados e o ensino na Orquestra Villa-Lobos se consolidou como um modo de ensinar música na escola, sobretudo, porque foi construído, articulado e sedimentado dentro da própria escola. (SANTOS, 2013, p. 07)

Em se tratando de grupos instrumentais escolares, Lima (2007, p. 20, apud Santos 2013), descreve aspectos estéticos e técnicos musicais desenvolvidos pelas orquestras “a fim de expandir suas práticas para diversos

espaços sociais”. A autora cita como exemplo as igrejas, praças, avenidas e ginásios”. Esses são indicativos que permitem a autora compreender que “uma das funções dos grupos musicais escolares, independentemente de sua formação, é levar a imagem institucional da escola para outros contextos”. (LIMA 2007, p. 20, apud SANTOS 2013)

Outros autores mencionados por Santos (2011) como, por exemplo, Puerari (2005) ajudam na compreensão das funções da orquestra para a comunidade escolar. Dentre essas funções foram destacadas: “aprender e vivenciar a música, conhecer lugares e pessoas, profissionalização, convívio em grupo, desenvolvimento cultural, ocupação, desenvolvimento das demais disciplinas escolares, divertimento e crescimento individual”. (PUERARI, 2005, apud SANTOS, 2013, p. 24).

Santos cita Campos (2008, p. 103) para ajudar na compreensão de que “os grupos vocais e instrumentais assumem papel importante no que se refere à socialização, à disciplina e à ampliação de experiências musicais”. Isso também ocorre ao citar Severo (2010), que concluiu que essa orquestra pode ser entendida como um projeto social dentro do contexto escolar, e que suas práticas são propícias e determinantes à aprendizagem musical, à constituição de caráter performático do grupo e a à inclusão social de seus alunos. (SANTOS, 2013, p. 25)

O estudo de Santos (2011) contribui, nesta pesquisa, com aspectos a serem levantados nas entrevistas com professores do CEMAB para identificar funções do coral e da orquestra na escola e como são desenvolvidas essas práticas musicais. Assim, entendo que para levantar esses pontos na pesquisa é necessário conhecer o que a literatura da área de educação musical tem falado sobre algumas práticas musicais que ocorrem em escolas de educação básica.

2.4 Práticas Musicais de Professores na Escola

Além desses trabalhos, encontrei algumas discussões sobre as concepções e práticas de professores na educação básica (BEINEKE, 2000; DEL BEN, 2001; SOUZA et al., 2002 Souza et al. (2002). A pesquisa dessas autoras busca investigar diferentes concepções de professores.

Del Ben (2001), relaciona as ações de professores de música que configuram as práticas pedagógico-musicais em escolas e sugerem uma ideia de construção de conhecimentos na e para prática por meio das experiências realizadas em sala de aula, uma vez que demonstra que os professores aprendem formas de ensinar música ao refletirem sobre suas práticas, que se configuram em conhecimentos práticos.

Outra discussão latente na literatura de ensino de música em escolas regulares é a formação e atuação do professor de música (BELLOCHIO, 2003; CERESER, 2004; DEL BEN, 2003; PENNA, 2007). A literatura entende que para trabalhar com o ensino de música, não basta ter somente os conhecimentos musicais, mas faz-se necessário os conhecimentos pedagógicos específicos. Neste sentido, Bellochio (2003) afirma que é preciso que o professor tenha uma postura crítico-reflexiva diante das incertezas apresentadas pelo ato de ensinar. Penna (2007) argumenta que não basta tocar um instrumento para ser um professor, porque, muitas vezes, o ensino de instrumento ocorre dentro do “modelo tradicional”, que se caracteriza por um ensino marcado pela leitura e escrita – modelo que pode funcionar bem em uma escola especializada, mas não na educação básica. Assim, para se tornar professor de música, “é preciso estar no espaço escolar, ser da escola, envolver-se com o coletivo e partilhar aprendizagens” (ABREU, 2011, p. 177).

As apresentações musicais realizadas nas escolas também são importantes para tal transformação. Elas são momentos que contribuem para o reconhecimento e a valorização do trabalho do professor, pois tornam visíveis os resultados logrados com seus alunos. Em suma, a pesquisa de Abreu (2011) revela que os modos de ensinar música dos professores são

construídos no e para o espaço da escola e têm atendido às demandas da escola.

Compreender como os autores abordam o ensino de música nas escolas, principalmente como denominam as práticas pedagógicas-musicais e suas tendências no contexto das práticas de coro e orquestra pode servir de referência junto com a pesquisa empírica, que discutirei no capítulo que segue.

3. METODOLOGIA

3.1 Abordagem qualitativa

A pesquisa qualitativa em educação segue diferentes abordagens metodológicas. Autores como Freire (2010) e Bressler (2000), Bogdane e Biklen (1994) compreendem que o investigador é o elemento principal da pesquisa. Na visão de Bresler (2000), o pesquisador descreve o que vê com uma visão holística, levando em consideração o contexto e a situação existente, ofertando uma explicação detalhada acerca do caso.

A metodologia abordará a pesquisa qualitativa do tipo pesquisa descritiva (BLACK; CHAMPION, 1976; GIL, 2011; GRESSLER, 1983; TRIVIÑOS, 1987). Esta pesquisa tem como campo empírico a Escola CEMAB de Taguatinga e, como sujeitos, dois professores atuantes no ensino de instrumentos da referida instituição de ensino.

GIL (2011 apud BEZERRA 2011, p. 71), descreve que a pesquisa descritiva geralmente ocorre quando o pesquisador pretende descrever fatos e fenômenos de uma determinada realidade, e características de uma amostra ou população.

Foram utilizadas como técnicas de coleta de dados a entrevista e a observação. As entrevistas foram realizadas com dois professores da área de música, bem como duas observações de suas aulas.

3.1.2 Técnica de Pesquisa: Entrevista Semiestruturada

A entrevista é uma técnica em que os dados são obtidos por meio de questões respondidas verbalmente pelo entrevistado na presença do pesquisador, a fim de obter informações que não podem ser obtidas por outros meios. Para Ludke e André (1996), a entrevista capta a informação imediata e fluente da maioria dos informantes por meio de uma conversa a respeito dos mais variados assuntos; o que para Moroz e Gianfaldone (2006, p. 79), pode facilitar “um maior esclarecimento de pontos nebulosos”.

Autores como GIL, 2011; ROSA; ARNOLDI, 2008, enfatizam que a entrevista semiestruturada é adequada para a obtenção de dados a respeito de saberes, crenças, desejos, sentimentos, objetivos, valores, razões, motivos, comportamentos, modos de pensar e agir das pessoas. Os dados são obtidos através de respostas orais.

Assim, a entrevista semiestruturada deve ser planejada com muita cautela, bom senso, para dar espaço para o contador de história se sinta à vontade para relatar duas ideias, pensamentos, palavras, sentimentos sobre o tema. O roteiro da entrevista serve de um guia que pode ser alterado, improvisado de acordo com o contexto da resposta que poderá incitar a outra pergunta que não estava no roteiro de entrevista.

3.2 Campo empírico da pesquisa

O Centro de Ensino Médio Ave Branca – CEMAB, situa-se na Q S 03/5 Área Especial, na cidade de Taguatinga, no Distrito Federal. De acordo com o documento Projeto Político Pedagógico da escola – PPP, “O CEMAB, norteou suas ações educativas de forma desafiadora e exigente, quando considerados o mundo e a sociedade em que vivemos, formando cidadãos comprometidos com construção de uma sociedade melhor” (PPP, p. 11). Em 1994, a escola foi escolhida como símbolo de referência de uma ave branca que está na bandeira da cidade. Taguatinga é uma palavra tupi-guarani que significa “barro – branco”, embora a população tenha traduzido para “ave branca” (PPP, p.12)²

A escola foi fundada em 14 de março de 1961, com a denominação Ginásio de Taguatinga, que funcionava, provisoriamente como o curso ginásial diurno. Em 1963, a instituição passou a ser denominada extra oficialmente de Colégio de Taguatinga, e somente em 14 de janeiro de 1966, passou a denominar-se Centro de Ensino Médio Ave Branca.

Em 1971, a escola passou por uma nova fase, com o início do curso de formação de professores, o antigo curso Normal. Em 1976, o curso Normal é

² Proposta Político-Pedagógica do Centro de Ensino Médio Ave Branca - CEMAB (primeira versão 2009) pt.scribd.com

transferido para o CTS – Colégio de Taguatinga Sul. Assim, a escola passa a ser denominada como Centro Educacional Ave Branca – CEMAB. Porém, em 2000 a escola voltou a ter o nome Centro de Ensino Médio Ave Branca, (p.12)

De acordo com PPP do CEMAB, atualmente são atendidas três mil e cem (3.100) estudantes no ensino médio regular em três turnos. De acordo com a pesquisa realizada no ano de 2008 pelo Serviço de Orientação Educacional – SOE da escola CEMAB, a maioria dos estudantes, principalmente do diurno, são oriundos de outras cidades próximas, como Ceilândia, Samambaia, Riacho Fundo I e II, Recanto das Emas, incluindo o entorno do Distrito Federal.

Podemos encontrar no site oficial do CEMAB e no jornal CEMAB denominado “proipê” (ver anexo 1) outras informações sobre a escola tais como: direção; calendários, fomentos a pesquisa, PIBIC, provões, inscrições para o PAS 2015, Projeto Linha do Tempo.

Abaixo apresento o página oficial do site do CEMAB e algumas fotos para uma melhor ilustração sobre a escola.



Figura 1: site do CEMAB

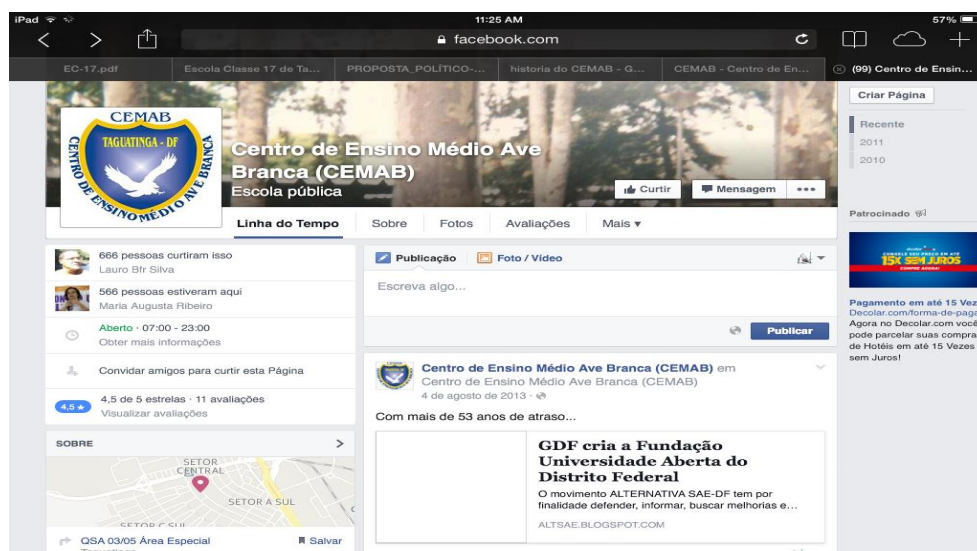


Figura 2: facebook do CEMAB

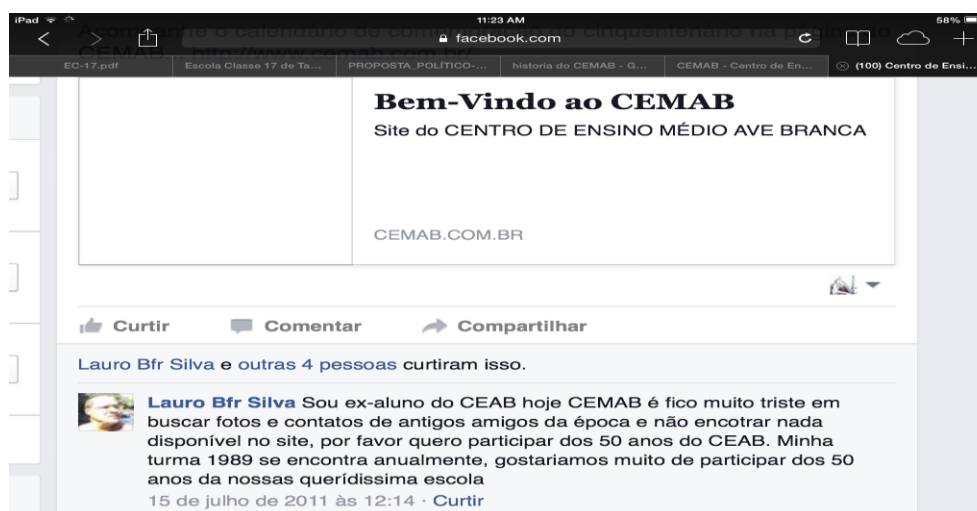


Figura 3: Facebook do CEMAB

As informações contidas nas imagens acima ilustram que a escola está se preocupando em disponibilizar informações históricas, sobre sua trajetória. Isso tem sido feito por meio da ajuda da comunidade do Facebook. No depoimento de Lauro Silva, na figura 3, o mesmo relata que quer participar da Enquete 50 anos do CEMAB, antigo CEAB, mas tem encontrado fotos e contatos dos antigos alunos da sua época.

As memórias do CEMAB retratam aspectos de como o ensino de música tem sido desenvolvido em uma escola pública de ensino médio na cidade de Taguatinga do Distrito Federal. Apresento a seguir, algumas pesquisas que elucidam o ensino de música no Distrito Federal.

3.3 Procedimento de Entrevista

Ao visitar a escola conheci os dois professores que atuam com o ensino de música. São eles, professor José Augusto Pacheco, efetivo desde 1991, formado em História, Psicologia e Artes (Teatro e Música). E o Professor, Elsaby Antunes, diretor da Camerata Real de Taguatinga, quem presta serviço na Escola, por meio das atividades de Orquestra para alunos da própria escola.

Foram realizadas entrevistas com cada um desses professores diferente. A entrevista com o professor José Augusto durou 39 minutos, e a realizada com o professor Elsaby Antunes durou 15 minutos.

As entrevistas foram realizadas na escola em que os professores atuam. Os professores assinaram uma carta de cessão de direitos dos registros das observações e das entrevistas. As entrevistas foram gravadas e transcritas por mim. A coleta de dados foi realizada no mês de setembro de 2015.

Com relação as observações dos ensaios do coro e da orquestra, não pude dar continuidade por motivos de greve de funcionários por tempo indeterminado. A seguir, apresento no capítulo intitulado Práticas Musicais no CEMB as análise e interpretação das entrevistas com os professores supramencionados.

4 PRÁTICAS MUSICAIS NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO AVE BRANCA

Este capítulo apresenta as práticas musicais desenvolvidas no CEMAB procurando responder aos objetivos propostos para esta pesquisa que consistem em conhecer quais práticas musicais são desenvolvidas na escola.

Uma vez que o CEMAB é uma escola de tempo integral, são desenvolvidas na contraturno as práticas de coral e orquestra com alunos da escola. Apresento a seguir essas práticas em dois tópicos distintos. O primeiro apresento o Coral Vocalize, e no segundo a orquestra do CEMAB.

4.1 CORAL VOCALIZE

4.1.1 Sobre o professor do Coral

Início este tópico apresentando o professor José Augusto Pacheco que atua com o coral da escola CEMAB, denominado Vocalize desde 2011. Ao ser indagado sobre a sua formação, José Augusto Pacheco disse que é formado em história e psicologia. Depois, disse ele, “fiz, Artes/Teatro e estou na Escola desde 1991”.

Augusto contou que chegou em “Taguatinga mediante transferência do Elefante Branco, onde ficou um mês”. Nesse processo de transferência ele conta que pediu para ser lotado no CEMAB em Taguatinga, como professor de Arte/Teatro, “como professor de arte genérica”. Como professor de música Augusto conta que se formou em música na UERJ e vem atuando com prática de canto coral desde os anos de 1990.

4.1.2 Sobre a prática coral

O coral no CEMAB teve início no ano de 2011. Augusto conta que o coral está fazendo há quase 5 anos. Ele diz também que “como o CEMAB é uma escola de tempo integral e ensino médio, e dos 500 mil alunos que estudam na rede pública, de quase 700 escolas da rede pública, é a única que tem ensino de música”. Talvez, o que o entrevistado queira dizer é que o

CEMAB, como escola pública e de Ensino Médio, tem designado entre o corpo de docentes um professor específico para atuar com a prática de canto coral.

O coral funciona como prática extracurricular aos sábados, de 8h às 12h. Os coristas são alunos e ex alunos da escola. Atualmente, o coro conta com 30 participantes. Encontrei em um folder produzido para o espetáculo “Encanto” (ver anexo 2), algumas informações sobre o grupo de canto coral.

O grupo surgiu da necessidade de oportunizar aos estudantes do CEMAB, um contato mais próximo com a arte. O Vocalize cresceu tanto que hoje conta com a participação de alunos e ex-alunos que viram no ensino da música uma forma de desenvolver duas aptidões intelectuais e sociais.” (folder, Espetáculo Encanto)

Esse mesmo documento dá destaque para a produção realizada pelo grupo, que lançou o segundo CD com músicas clássicas, eruditas, gospel, MPB, Rock e Pop. Todo ano Grupo Vocalize faz apresentações em diversas localidades como Praça do Relógio e Teatros como o SESC de Taguatinga. (ver anexo 2).

Em entrevista, concedida no dia 18/09/2015 na escola CEMAB, apreendi da fala do professor Jose Augusto Pacheco como essa prática musical vem sendo desenvolvida no espaço escolar. Chamarei neste processo de análise o Professor José Augusto Pacheco, apenas como Augusto, pois este é modo como é tratado.

O professor começou a entrevista dizendo que “a aula é só aos sábados. É de 8 ao meio dia”. O professor tem projetos para este e outros grupos musicais da escola. Ele contou que só conseguiu violinos até a presente data, que ainda não pode adquirir o piano, que é um instrumento dos seus sonhos, mas que vai comprar no mês que vem [...] Nem que compre com o seu dinheiro até “receber uma verba e comprar o piano e os teclados. Aqueles teclados que dobram e viram um piano”. Augusto, percebe que há uma vantagem em trabalhar com o piano, por ser um instrumento harmônico, pois “ele serve de toda base, e tem de ser pelo piano, não adianta!”. Augusto disse também que “a escola oferece aulas de violão terças e quartas”.

Pelo relatado, podemos perceber que é uma escola bastante musical, procurando atender os diferentes gostos musicais e instrumentais de alunos.

Os horários são bastante diversificados o que parece ampliar o atendimento da demanda escolar. Segundo o entrevistado, há práticas musicais durante toda a semana, isto é “segunda e sexta que são os violinos [...] o vilão as terças e quartas [...] o canto coral é comigo todos os sábados, né? E....é de 8 à meio dia [...] Sou professor de piano e voz”. Ou seja, são oferecidas práticas musicais cinco dias da semana. Isso mostra que a escola procura ocupar o tempo do aluno de maneira parecida com a escola integral. E, essa é uma preocupação de Augusto. Ele disse: “Eu sou coordenador da escola integral... em horário contrário das escolas de ensino regular normal. Entendeu?”. E, por isso, o professor do coro e também coordenador tem pensado em como ampliar esse espaço de aprendizagem musical na escola.

4.1.3 Sobre a técnica vocal na prática coral

Sobre as estratégias de ensino, Augusto conta que passou a dar “aula como regente do grupo e de técnica vocal”. Ele conta que não classifica as vozes, pois para ele “classificar a voz de um menino de 14, 15 ou 16 anos de idade” não vai adiantar, uma vez que “vai mudar a voz aos 18 anos”. Para ele é preferível cantar em uníssono classificando apenas vozes graves e agudas.

A literatura tem aconselhado que para cantar em diferentes naipes observe-se o registro vocal das pessoas dentro dos aspectos anatômicos e fisiológicos apresentados em idades diferentes. Para Zahner (2000, p. 02), “não se deve trabalhar a voz do adolescente com pressa, pois o trabalho vocal deve ser adequado ao que as estruturas dos jovens sejam capazes de realizar”.

No caso desses alunos que são adolescentes há uma muda vocal mais acentuada, principalmente nas vozes masculinas. Por isso, o professor prefere trabalhar com coro em uníssono. Com relação a isso, ele diz o seguinte: “eu não posso ver se ela é contralto, barítono....não tem como. Seria exigir demais desses meninos, e eles são muitos, né? E eles te absorvem muito!”.

Sobre a maneira como desenvolve a técnica vocal no coro, Augusto diz o seguinte: “O que que é feito? Técnica vocal, colocação de voz, de que maneira? Eles vão em cima daquela a voz, enfim, de um repertório, que é alterado à medida que eles aprendem ou não aquele repertório”.

Ao que parece e pelo que pude observar nas apresentações os alunos cantam na tonalidade original da partitura ou áudio de cantores que executam aquela música escolhida pelo professor para compor o repertório do grupo. Para o professor o importante é que na escolha do repertório “eles pegam aquele repertório”, dentro da tonalidade apresentada. Ao que parece, ele não elabora arranjos musicais que atendam a necessidade do grupo, e sim o grupo deve se adaptar a arranjos já produzidos anteriormente. Assim, e caso os alunos consigam cantar dentro daquele arranjo escolhido, o professor decide se mantém ou não determinada música, e “ao manter fecha-se uma programação”.

Após fechar o repertório escolhido, o professor começa a pensar na “produção musical” que nas palavras dele essa produção consiste em “ter uma missão de mostrar o trabalho. Até porque a gente quer provocação, interesse nas outras pessoas, porque a gente não pode ser a única escola fazendo música, isso não existe!”.

O que pode ser observado da fala de Augusto é que há um interesse em dar visibilidade às práticas musicais escolares para que outras escolas também possam aderir a tais práticas no Distrito Federal. Isso lembra as palavras do maestro Levino Ferreira Alcântara que nos anos de 1960.

Comecei a fazer uma orquestra e um coral. O colégio não tinha sala pra mim. Eu dava aula fora de sala de aula, eu dava aula de instrumentos e cheguei a fazer um coral de 600 crianças. Eu fazia coral para eles aprenderem a ler música, porque facilita. O Governo me dava muito apoio, porque eu botei em cada colégio um piano e dois professores, depois em cada cidade satélite um instrumental completo e uma banda de música. Todo domingo tinha concerto. Quando os corais das escolas começaram a funcionar eu levava os corais e as bandas de música para fazer encontro de corais e encontro de banda militar e banda de música dos colégios. (ABREU, 2015, p. 11)

De acordo com Carlos Galvão (2003), na época havia o “coral de Brasília, mas era vinculado à CASEB, ao sistema público de ensino, que, na época, era praticamente CASEB e Elefante Branco. Tinha também o Centro de Ensino Médio Ave Branca, que fazia parte dessa mesma ação e também mantinha um coral lá, o Coral de Taguatinga”. De acordo com Abreu (2015, p. 13).

Dessa maneira, podemos observar que quem ensina música na escola, ensina para que outros possam ver, ouvir e apreciar. Existe uma vontade de Augusto em sensibilizar o público externo com a prática coral. Ele quer que outros continuem esse trabalho, pois nas palavras dele, “uma hora me aposento. Daqui a três anos me aposento e quem que vai continuar? E tem que ter outras escolas interessadas. Tem que ter outros meninos, e têm! Tá faltando o que? Essa divulgação”.

4.1.4 Sobre produções e apresentações do coral

O coral do CEMAB tem como objetivo final fazer apresentações para a comunidade interna e também externa. Para tanto, Augusto conta que se envolve muito com esse processo de produção. Ele se vê “não só como um professor, um produtor [...] Eles hoje em dia já gravaram seu segundo cd”.

No processo de produção musical, além das questões técnicas e musicais envolvidas no processo de gravação em estúdio, o professor conta que envolve os familiares dos alunos para que possa, assim, ter o apoio destes na realização da produção bem como das apresentações. A esse respeito ele disse o seguinte:

Eu me vejo como o amigo do aluno. Eu faço reunião com os pais para que eles saibam o que está acontecendo. Não trabalho sozinho, né? Todo ano, eles começam em fevereiro, terminam em dezembro comigo da seguinte forma: para você entender como é que funciona. Eles ensaiam todos os sábados. E eles vêm! Eles não faltam. Talvez falte um ou outro, quando tem uma doença. A gente oferece lanche para eles [...] Eles lancham, vem as merendeiras no sábado acaba meio dia, eles tocam para casa.

Como pode ser observado no relato do professor Augusto, além dos pais são envolvidos servidores da escola para que nada falte aos alunos nos dias de ensaio, como por exemplo a alimentação. Ele disse ainda que,

Não trabalho sozinho, trabalho com uma coordenadora que é muito boa comigo. E trabalho com dois professores de Artes, um de teatro e um de artes plásticas, e mais um professor que,

outro que se interessa em fazer um documentário, que é o caso, ou tem contatos publicitários ou mídia.

Como pode ser visto, a música nesta escola é um projeto que vai para além da sala de aula e de um professor de música e seus alunos, mas de toda a comunidade escolar. O professor parece ter conquistado um espaço na escola para que o ensino de música ganhe dimensões de um projeto da comunidade escolar, ou até mesmo da comunidade local, uma vez que pais e patrocinadores locais estão empenhados no produto musical advindo do processo formativo em música.

Durante esse período de ensaios, Augusto prepara um repertório como descrito por ele que atualmente são “cinco músicas eruditas. Temos Jesus Alegria dos Homens, Carmen de Bizet, Fortuna, da Camina Burana, e temos mais outras que constam na programação”. O repertório citado pelo professor e as demais músicas que constam no programa de apresentações estão no anexo 2 deste trabalho. No que se refere a divulgação das apresentações Augusto esclarece o seguinte:

A gente anuncia para toda a rede pública, e eles vão, muitos vão, só que a gente faz assim, tem 500 lugares ali. Feira da Torre, depois, na praça do Relógio, né? Então a gente vai espalhando, mostrando que é possível uma escola da rede pública funcionar com a música, e sem praticamente nenhuma verba. Com vagos recursos. A gente manda uns 200 ofícios, bate de porta em porta recebe uns 190 não. Mas, às vezes, aparece uns cinco, seis, dez que dão retorno sim.

Como pode ser percebido, o papel de professor de música que pensa o ensino para além do processo, mas também como um produto musical feito produzido pelos alunos, adquire outras dimensões. Ou seja, o ensino atravessa as paredes de uma sala de aula e outros papéis são atribuídos ao profissional da área como ensinar, produzir e divulgar. Assim, a avaliação musical é de toda a comunidade, pois a formação de plateia é um indício desse processo formativo em música.

O professor comenta em seu relato a sua motivação no retorno que sente dos envolvidos nos espetáculos. Ele conta que,

Trabalhar nesse tipo de espetáculo dá muito trabalho, mas vale o esforço quando diz [...] É muito cansativo! Mas, é muito prazeroso, porque o resultado, no final, sempre é muito bom, sabe? O sorriso deles, a família quando vem ver, os amigos, namorados, vizinhos, escolas. É muito prazeroso, porque estimula. Porque a gente está plantando semente para que se crie o hábito de ir ao teatro, que goste de músicas eruditas. A gente pega músicas eruditas e populares, evidentemente pra poder sensibilizar, porque a gente não vai pegar nada muito pesado, que a gente vai ter distância, resistência.

Augusto complementa dizendo que “mesmo com toda trabalheira de ensaio, quando chega na hora da apresentação... Como não se apaixonar por uns meninos desses? Não tem, cara! Não tem!”. Ele fala da relação que tem com os alunos no processo de aprendizagem musical. Ele diz: “Brigo? Brigo! Sou muito chato com eles? Sou! Tem horas que eles querem me engolir, mas, aí logo estão todos do meu lado me abraçando... beijando... A gente tem uma empatia muito boa”, finaliza.

Essa relação que alunos e professor têm com a música é permeada por aquilo que Abreu (2011, p. 115) chama de “carinho público”. Para a autora, “o professor é uma pessoa que exerce uma função pública, estabelece uma relação pública com seus alunos. Nesse sentido, para ensinar, o professor desenvolve a seu modo um carinho público pelo aluno”.

Augusto também nos conta, que ele costuma apresentar o coral “primeiro no Teatro SESI, depois o grupo vai para outras localidades como o Dulcina e na Caixa”. Ele conta como realiza esse processo de apresentações nos lugares públicos.

Após a estreia, o coro faz umas cinco ou seis apresentações, e pronto, chega! Porque é muito cansativo, a gente pega ônibus, manda circular para os pais... a gente vai e volta, faz um tumulto no ônibus, cada brincadeiras, grita, aí chega lá, se apresenta, aí, na última apresentação, já tá só o caco, eu e a coordenadora... a gente faz uma festa de fim de ano, leva eles pro parque, piscina, rodízio de pizza. Como eles não ganham e nós também, não podemos cobrar cd, apresentação, porque não tem nada autoral. Tudo, né? A não ser essas de domínio público, que são músicas que já passaram mais de cem anos, né? Mas fora isso a gente sai ralando com eles mesmo, e é lindo também.

Augusto reconhece que esse trabalho de prática coral com ensaios e apresentações prepara o aluno para o mundo profissional. A esse respeito ele disse:

Tem que ser feito no nível profissional e com tempo para conciliar os estudos de outras matérias, porque eles têm que continuar estudando, terminar o ensino médio, tentar vestibular, concurso, essas coisas, e os pais querem que eles sigam uma carreira profissional independente da Arte também, mas muitos se revelam aqui. Nós temos pessoas aqui que cantam muito!

Em seguida, Augusto comentou sobre as próximas apresentações do coro dizendo: “vai ter apresentação aqui na Praça do Relógio, nós vamos colocar 10 microfones, Palco suspenso, na Feira da Torre”. Dentre as apresentações agendadas pelo coro tive a oportunidade de assistir uma que ocorreu durante o processo de realização desta pesquisa. Abaixo apresento alguns registros fotográficos dessa apresentação, a qual me referi.



Figura 4: Apresentação do Vocalize no Teatro SESI de Taguatinga



Figura 5: Apresentação do Vocalize no Teatro SESI de Taguatinga



Figura 6: Capa do CD DEMO do Vocalize

Neste tópico que trata do coral do CEMAB procurei apresentar o perfil do profissional – professor de música, bem como, as técnicas, estratégias de ensino, de práticas que envolvem a comunidade escolar. Além do processo de ensino da música, o texto trouxe também a visão do professor sobre o ensino de música que objetiva ter um produto musical para mostrar a comunidade local. Para o professor a visibilidade do fazer musical para além dos muros da escola para a formação de plateias é uma maneira de expandir e conquistar espaço para a música na escola. Como afirma Queiroz (2015), “é a partir de

todas essas vivências com a música que o jovem cria suas experiências, e dá significado a elas, bem como e compõe a sua formação musical e profissional”. A autora cita Josso (2002) para ampliar seu pensamento, pois “nas concepções de Josso (2002), é partindo desse processo de significação da vivência que se chega a reflexão e conseqüentemente ao que chama de experiência formadora”. (QUEIROZ, 2015, p. 22)

Diante do exposto, acredito que o trabalho do professor José Augusto Pacheco no CEMAB tem contribuído para que experiências formativas em música de alunos do ensino médio envolvidos com a prática coral tem gerado processos e produtos musicais que revelam práticas musicais escolares. Assim, fica aqui registros de possibilidades de atuação profissional em música no espaço escolar.

Entendo que o professor além de saber fazer música, necessita aprender durante a sua profissionalização na área a articular com toda a comunidade escolar, quais sejam: diretores, coordenadores, colegas de profissão, funcionários, pais, alunos e pessoas da comunidade local para que a música aconteça. Estas são, portanto, algumas conquistas que dependem do professor de música e do que ele acredita como profissional da área.

A seguir, apresento no tópico que segue as práticas de outro profissional que atua com música no CEMAB em outra modalidade de ensino, que é a prática de orquestra.

4.2 Sobre a Orquestra do CEMAB

A orquestra do CEMAB é resultado de um convênio com a Academia Camerata Real que foi realizado em agosto de 2015. A orquestra funciona no espaço da própria escola. As aulas de música ocorrem nas segundas e sextas-feiras.

Um dos motivos da parceria entre Camerata Real e CEMAB é que, uma vez que a orquestra ocupa o espaço físico do CEMAB para seus ensaios, esta devolve a comunidade escolar o ensino de música orquestral para os alunos interessados na iniciação musical na prática da orquestra.

A Camerata Real existe há 11 anos e este projeto escolar permanece há cinco anos na escola CEMAB. O objetivo da Camerata Real é reunir músicos das cidades satélites de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia para promover apresentações culturais de música erudita para essas cidades. Grande parte da arrecadação de subsídios financeiros é investido na compra de instrumentos e acessórios, como também ajuda de custo para os músicos que ajudam na realização das apresentações. Esses materiais permanecem na escola CEMAB e ficam a disposição dos estudantes que optarem por realizar a aula de música.

Lembrando que os alunos do CEMAB podem escolher quais atividades desejam realizar no contraturno, uma vez que a escola é de tempo integral. E por serem do período integral e devem estar na escola em tempo integral há uma seleção para aqueles que se tornam aptos para continuarem a prosseguir os estudos musicais com outros músicos em ensaios que são realizados durante a semana no período noturno, nas dependências da escola.

A Camerata Real é um projeto de inclusão social e pedagógico, fruto do trabalho idealizados pelo mastro Clemente Pereira dos Santos e sua esposa Jardelina Antunes Santos. Esse projeto foi idealizado há cerca de 42 anos atrás, por meio do Coral Madrigal Adventista de Taguatinga, que tinha o objetivo de inclusão social e pedagógica para a comunidade local. Assim, o Governo do Distrito Federal organizou o encontro de corais na sala Martins Pena do Teatro Nacional, em 27 de agosto de 1973. Desde então, o convite era estendido a todo morador de Distrito Federal que estivesse interessado na prática do canto coral e orquestra.

O projeto é composto por alunos de instrumentos de cordas friccionadas – violino, viola, violoncelo e contrabaixo e canto coral. O professor Elsaby Antunes que dirige a Camerata Real e orquestra do CEMAB começou a atuar nesse formato na escola. Ele foi convidado para ministrar as aulas desde de agosto de 2015.

Essas informações supramencionadas foram fornecidas pelo professor José Augusto Pacheco, professor do coral e coordenador das atividades de tempo integral do CEMAB. Augusto conta que “esse professor que está dando aula é da Academia Real de Música de Taguatinga de Violino e cordas [...] começou há três meses, e é um sucesso! O DFTV veio fazer uma reportagem

de quatro minutos na televisão, que é muito grande!”. Com essas palavras de Augusto finalizo o tópico apresentando, a seguir, o perfil do professor da orquestra.

4.2.1 Sobre o professor da orquestra e aspectos históricos

Elsaby Antunes é formado em Música – Licenciatura e Bacharelado, filho de professor Clemente Pereira Santos, quem o ajudou a ingressar na Escola de Música de Brasília no período de 1984 a 1988, no curso crescendo com música, sob a orientação do professor Camilo Pereira da Silva, e posteriormente se especializou em violino barroco, na Fundação Cultural de Curitiba (1989-1990).

Elsaby conta que acompanhou seu pai com o ensino musical em que participava desse grupo ilustres professores como Levino de Alcântara e Emílio de Cesar. Elsaby relata que,

O projeto da Academia Real é fruto de uma iniciativa que começou lá com meu pai, Clemente. Ele começou com a música coral, no meio da igreja, com a música é inclusiva que é um meio social. Aí, a pessoa não tem nada, mas ela canta. Aí chega lá e canta no coral. Já é um meio social de bem estar. Só que dentro da igreja adventista, quem conhecer o meu Pai de 1970 pra cá, aqui no Distrito Federal, estudou com ele, se diz que estudou com ele, canta ou, e fez música, fez aula com o meu pai. Ele dava essas aulas de graça também. Ela foi contemporâneo do maestro Levino que vivia lá em casa, e o de Eliezer de Carvalho. Maestro Emílio de Cesar. São primos, né? [...] Nós fomos amigos de longas datas, desde que eu me conheço por gente, eu conheço o Maestro Emílio...ele foi meu professor de regência, e o maestro Levino, o Bohumil também.

A respeito do maestro Levino Ferreira de Alcântara, um dos pioneiros do ensino de música em escolas do Distrito Federal, incluindo o CEMAB, Mattos e Pinheiro (2007) relatam que o movimento de grupos musicais interessados em difundir a educação musical no Distrito Federal teve início por volta de 1961 em Taguatinga, por ocasião do ingresso de Levino de Alcântara na Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), que proporcionava atividades de canto coral junto com um pequeno núcleo de instrumentos de orquestra no Centro de Ensino Médio Ave Branca (CEMAB). (MATTOS, A.;

PINHEIRO, R.G., 2007, p.1). Isso também pode ser confirmado no depoimento de uma das mais antigas cantoras deste grupo coral, Ivonildes Bastos. Ela relatou que,

O Madrigal começou aqui em Taguatinga... Era tudo mato, não tinha nada. Naquela época era só poeira e porque não tinha muitas casas, né?...o Maestro morava aqui, o Maestro Levino Ferreira de Alcântara, que foi o fundador da Escola de Música de Brasília.... O Maestro reuniu algumas pessoas pra começar aqui, o pessoal de Taguatinga, né? Éramos... Nilza, ah...o Silvio, ... eles estudavam... o Silvio estudava no Ceab, que hoje não é Ceab, que é Cemab... O Maestro também organizou um coral, no Cemab, né?... E desse coral ele tirou algumas pessoas pra fazer o Madrigal, né? O Silvio Mancuso fazia parte, a Nilza, a Cordélia, e eu.... (COSTA, C., 2000, p.31)

Em entrevista concedida a Abreu (2013), Levino revela o motivo de ter escolhido Taguatinga para iniciar suas atividades musicais.

Fui nomeado professor de música em uma escola pública de Brasília, na escola Elefante Branco, mas eu não quis o plano piloto. Eu quis Taguatinga porque lá não tinha nada especial nas escolas. Comecei a fazer meu trabalho de base. Criei o coro madrigal com professores, alunos e serventes da escola. Chamava-se coral de candangos. Esse trabalho nas escolas foi chamado de programa de educação musical nas escolas.

“Levino contou que formava coral nas escolas e juntava-os em apresentações na torre de TV. Eu apresentava toda semana que era para o povo ouvir. Se o povo não ouvir como vão gostar de ajudar as escolas, me diga?” (ABREU, 2013, p. 7). Então, Elsaby conta que nessa época os ensaios de coro e orquestra foram ampliados para outros ambientes diversificados: “Meu pai começou a ensinar música em supermercados. Era piano, violino, violoncelo, flauta transversal, sax, harpa... Ele foi diversificando, entendeu?”.

Elsaby se recorda do tempo em que adquiriu maiores conhecimentos na área quando morou em São Paulo. Nessa época ele conta que desenvolveu a “orquestra jovem com sua esposa, e dirigiu quatro orquestras Jovens na grande São Paulo, em Santo André, Suzano, São Paulo capital, no Brooklin e Moema”. Essa experiência o levou a propor ao seu pai de combinar da gente fazer o madrigal”. Portanto, a experiência de Elsaby adquirida em instituições

como família, igreja e espaços culturais e educacionais o ajudaram a se profissionalizar na área de música em práticas de orquestras.

4.2.2 Sobre a prática da Orquestra

Das aulas que acompanhei na orquestra pude observar que o professor desenvolve o ensino de música com um grupo de 15 alunos. Essa prática consiste em que todos os estudantes toquem juntos, colaborando com o colega na aprendizagem. Nessa interação, os alunos aprendem música e também se sociabilizando, conforme afirma Cruvinel (2003).

A experiência vivenciada no grupo possibilita uma maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, estimula e desenvolve a independência, a liberdade, a responsabilidade, a autocompreensão, o senso crítico, a desinibição, a sociabilidade, a cooperação, a segurança e, no caso específico de ensino da música, um maior desenvolvimento como um todo. (CRUVINEL, 2003, p. 80)

O professor apresenta o repertório erudito de autores como: J Pachelbel, Vivaldi, Bach a ser executado. Em seguida se concentra em ensinar as posturas para segurar os instrumentos. A ideia do professor é que todos aprendam a tocar o repertório observando o outro que já sabe tocar. Assim, o aluno que sabe como executar determinada música se torna um monitor para os iniciantes.

O material utilizado, é uma apostila que foi elaborada pelo próprio professor. Há nesse material vários exercícios de intervalos musicais. Os procedimentos metodológicos orientam o aluno sobre o dedilhado e as notas nas respectivas cordas. Alguns exemplos que trago são utilizados no violino e violoncelo: são quatro cordas. No caso do violoncelo, as cordas Lá (I), Ré (II), Sol (III) e Dó (IV), estão direcionando as notas que todos devem tocar.

A seguir apresento uma imagem de uma das aulas de música para os alunos do CEMAB que estão no projeto da orquestra. (Ver anexo 3)



Figura 7: Aula de cordas no CEMAB

Ao falar como ocorre a prática de orquestra na escola CEMAB, o coordenador da escola, que também é regente do coral – José Augusto Pacheco, informou que,

No primeiro contato dos alunos da escola com os instrumentos de cordas há uma resistência, por parte dos alunos, que entendem que música de violino, música erudita é coisa que precisa ter muita técnica. Evidentemente que sim, mas a gente começou a quebrar esse paradigma um pouquinho, entendeu? para eles verem que você pode até brincar com o violino fazendo coisas maravilhosas.

Ao contrário de Augusto, o olhar de Elsaby sobre o ensino da música erudita na prática de orquestra consiste em um trabalho colaborativo. Sobre as estratégias utilizadas em aula, Elsaby reforça a ideia de “aula em conjunto para ter uma abrangência máxima de alunos”. O professor relatou que “a ideia inicial era receber de quatro a seis alunos por turma. Eles teriam um monitor... mas, 120 alunos se inscreveram, e dos 120 alunos que se inscreveram hoje são 30 alunos.

O foco de Elsaby está na música e nos conteúdos musicais utilizados para que aprendam a tocar o repertório escolhido. A esse respeito ele diz:

Utilizo a apostila que desenvolvi baseado em livro de teoria musical de Ricci Adams e Maria Luiza Prioli, e também o método Suzuki. Foco mais na parte do ciclo das quintas, sem entrar na parte de cadências, e leitura para eles aprenderem a ler com facilidade, o livro do Bona e Pozzoli. Faço uma apostila separada de teoria e um livro de técnica de instrumento separado também.

Elsaby relata que tem de usar esses materiais “para eles olharem uma partitura e identificarem as notas, terem uma referência musical e melódica, entender que é escala, depois intervalos... ritmos variados para eles terem uma noção”. Esses materiais são disponibilizados para os alunos.

O que pode ser observado neste tópico, é que as práticas musicais desenvolvidas pelo professor estão centradas em um ensino mais direcionado para a música orquestral. A forma como o professor sistematiza o ensino, em material apostilado, é centrada numa visão em que primeiro o aluno vai percebendo a teoria musical na prática, vendo os outros tocarem, e aos poucos vai se inserindo nas performances.

4.2.3 Apresentações do Coral e Orquestra

Sobre as apresentações da orquestra e coral, Os professores entrevistados relataram que a participação dos pais é fundamental, principalmente, no apoio para as apresentações musicais.

As apresentações tem estimulado pais, alunos e professores ao aprimoramento dos grupos musicais, inclusive estabelecendo metas a curto, médio e longo prazo. Elsaby disse “até 2018 eu quero que os alunos saibam de música de modo mais aprofundado. Eles vão ter o conhecimento técnico de em uma partitura e saberem em que contexto determinado repertório foi concebido”. Com relação ao coral, que hoje canta em uníssono, a ideia do professor da orquestra é contribuir com o professor do coral para que os alunos cantem a quatro vozes, pois “as quatro vozes divididas, fica lindo! [...] Isso vai ser bom para o colégio, é uma força juntando com a outra”.

As metas são estabelecidas por causa das apresentações. São os desafios de se fazer apresentações cada vez mais aprimoradas que levam os professores a pensar na qualidade musical. Elsaby pensa para essas apresentações trazer convidados como um coro a quatro vozes para que a escola possa ir também ampliando o jeito de fazer música na escola. A esse respeito o professor da orquestra relatou o seguinte: “o coral Vocalize canta em uníssono, mas nós vamos fazer a cantata de natal, e vai ter um coro masculino junto com barítono e baixo. Eu estou convidando o coral Vocalize para participar junto com este coro e a orquestra”.

A ideia de Elsaby é de que a comunidade escolar se amplie, pois “a direção pode beneficiar muitos alunos não somente alunos, ela também está formando o conceito familiar, de aproximação, de inclusão social da escola”.

Entendo, pelas palavras do professor da orquestra, que essas podem gerar sim possíveis contribuições para fortalecer o ensino de música na escola CEMAB, além de se tornar modelo para outras escolas públicas de maneiras de se fazer música na escola. Acredito que dessas apresentações da escola envolvendo o público externo, desse trabalho de sensibilizar e socializar os alunos da escola, isso pode servir caminhos para investigações futuras para a área de educação musical escolar.

Lembro que nesse meu envolvimento como pesquisadora, ao assistir um dos concertos da orquestra e coral (cf. figuras abaixo), um ex aluno que estava do meu lado na plateia compartilhou comigo a alegria de ter conhecido a música na escola, de ter participado do coral Vocalize. Ele me disse que hoje é músico profissional, graças às influências e seu convívio com a música na escola CEMAB.



Figura 8: Apresentação da Orquestra no SESI - Taguatinga

Para Elsaby, “a tendência das escolas públicas, vai ser o de aperfeiçoar o ensino de música na própria escola, com o trabalho integrado de professores, diretores para realizarem juntos esse projeto musical”. O professor disse que “a escola precisa pensar sempre na inclusão social. E, na música, uma ideia é unir aquilo que os alunos trazem com aquilo que a escola oferece”. Para esclarecer o que disse, Elsaby deu o seguinte exemplo:

Não são tribos que estamos formando, e sim a inclusão social... não porque eles só gostam de hip hop, sim tudo bem. A cultura do hip hop é uma tribo. Agora é o seguinte, o que que o seu hip hop pode contar somando com a minha inteligência, com a dele, com a dela... o que se pode fazer [no hip hop] para que a sociedade ache legal? Não porque a minha poesia é assim... Então, eu vou usar a sua poesia e a minha melodia e meu ritmo para outros instrumentos fazerem isso, vou usar a dança, não a dança hip hop. Então quando isso acontecer, vai ampliar os horizontes até dos professores também. É muito possível de ser fazer isso, tem de ter a metodologia certa e o momento certo, o momento de aceitação e de amadurecer tudo isso.[...] nesse processo de formação eles vão descobrir que daquela ideia que eles estavam tendo está um pouco ultrapassada, dançarino de hip hop que consegue dançar ballet, jazz. Assim, no caso de caso de um violinista que só

toca música clássica, ele deve conhecer outras culturas, tocar músicas do contexto para ser um violinista completo.

A partir desse relato, percebe-se que a música na vida dos jovens é o ponto de partida para muitos professores de música poderem ampliar o seu conhecimento musical. Isso lembra as palavras de Nóvoa (2009) que afirma que a escola é um centro de aprendizagem, e o papel do professor é levar o aluno a outra margem do conhecimento, isto é, partir do conhecimento, neste caso, musical que ele tem e ampliar, levar para outra margem, para outro patamar, dando ao aluno a oportunidade de conhecer e aprofundar. Esses processos de ensino e aprendizagem musical envolvem várias dimensões da vida dos alunos.

Fialho (2004) afirma que para os jovens de um grupo de rap a música vai além do significado atribuído a ela, como por exemplo, o do entretenimento. Segundo a autora, no contexto de violência, discriminação, tráfico, situações precárias de moradia, educação e saúde, a música aparece como uma alternativa de vida, pois “por meio dela esses jovens expressam suas indignações, fazem denúncias, narram suas experiências, reivindicam melhorias, transmitem informações para a comunidade e sentem-se parte de um todo” (FIALHO, 2004 p. 5).

Segundo Arroyo (2013), a maior parte de trabalhos que abordam a relação entre jovens e música utilizam a música popular consumida e produzida por jovens no contexto urbano. A autora explica que sua pesquisa evidenciou que a relação dos jovens com a música popular envolve sentimentos, percepção, cognição, consciência, corporalidade; aspectos fundamentais nesse processo de interação dos jovens com a música, contribuindo para que a música possa fluir na densidade que é vivenciada no cotidiano dos jovens.

É a partir de todas essas vivências com a música que o jovem cria suas experiências, dá significado a elas e compõe a sua formação musical. Ou seja, nas concepções de Josso (2002) é partindo desse processo de significação da vivência que se chega a reflexão e conseqüentemente ao que chama de experiência formadora.

Nesse sentido, Rêgo (2013) utiliza a fala de Setton (2009) para exemplificar esse valor da música na vida dos jovens.

Entre todas as esferas, a musical é aquela que está mais presente em suas vidas, sejam eles provenientes ou não de segmentos privilegiados. Independentemente do sexo, do grupo etário ou da classe social, até mesmo de país, a música surge como um fenômeno social, pois consegue agregar, sensibilizar e, sobretudo, construir laços de sociabilidade entre os jovens. E, nessa qualidade, a música surge como um canal mediador entre a experiência de ser jovem e o grupo de referência que o cerca, socializando-o. (SETTON, 2009, p.19 apud RÉGO, 2013, p. 29)

No que se refere às atividades da orquestra, o projeto ainda é incipiente, uma vez que a prática de orquestra foi implantada no CEMAB em agosto de 2015, e funciona assim como o coral, como atividade extra curricular, para os alunos da escola. Ou seja, dentre as diferentes atividades que esta escola de tempo integral oferece, o coral e a orquestra é uma dentre as possibilidades de escolhas e preferências de alunos. Portanto, é uma participação espontânea, o que favorece para que alunos aprendam, não por obrigação, mas por adesão.

Nos estudos direcionados para grupos instrumentais, Pereira (2011) destaca o trabalho de Silva (2010) ao falar das relações de convívio entre os músicos e as implicações dessa relação no desenvolvimento do trabalho realizado na orquestra, pois torna-se imprescindível o processo de integração coletiva que remeta a valores que orientam as ações dos músicos (compromisso, cooperação, solidariedade) e a realização sonora. Para a autora, o estabelecimento de vínculos afetivos e da relação do grupo como família estão entrelaçados com o “som que também é uma construção coletiva, e tecnicamente depende das atitudes dos músicos”. (SILVA, 2010, p. 2)

Esse modo assemelha-se ao que é proposto por Pereira e Vasconcelos (2007) em estudos sobre as atividades corais: “o coral, por ser um local que propicia muitos contatos sociais, permite os sujeitos se colocarem em situações que os conduzem ao aprendizado e desenvolvimento de relações com a música, com os outros e com a comunidade”. (PEREIRA; VASCONCELOS, 2007, P. 118)

Neste tópico procurei explorar, a partir da entrevistas, como os professores fazem para alcançar o produto final que são as apresentações

musicais do coral e orquestra. A visão dos professores e da escola é que a música alcance a comunidade externa e aproxime as famílias dos alunos com a escola. Com relação ao aluno, foi possível perceber que, para participar, depende da escolha do aluno, os que escolhem fazer coral ou orquestra é porque se identificam com a prática e o ambiente musical promovido pela escola. Percebi que esse ambiente é bastante acolhedor. Outro fator que observei é que os alunos querem fazer música para apresentar aos outros. Ou seja, a música na escola tem a função de promover conhecimentos musicais bem como socializá-los em formato de apresentações. Além disso, a música na escola pode indicar caminhos profissionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, que teve como objetivo geral conhecer as práticas musicais existentes na escola CEMAB, foi possível identificar que há dois professores desenvolvendo o ensino de música na escola. Um deles, o professor do coral, é do quadro efetivo de professores da SEDF e atua também como coordenador das atividades organizadas para a escola que é de tempo integral. Foi possível também fazer uma breve análise de como os professores trabalham com as práticas musicais escolares.

As atividades desenvolvidas são concentradas em práticas de coral e de orquestra. Ambas funcionam no contraturno das turmas de ensino médio. O total de alunos em cada projeto varia entre 15 a 30 alunos. O repertório da orquestra é mais centrado na música da tradição europeia ocidental, ao passo que no coral também é trabalhada a música popular.

A proposta desses dois projetos musicais na escola é dar ao aluno a oportunidade de adquirir conhecimentos musicais teóricos e práticos. A metodologia utilizada pelos professores é do ensino coletivo em que todos aprendam juntos e ao mesmo tempo. Há também na orquestra a ideia de estudos por naipes, em que alunos que estão mais avançados auxiliam aqueles que estão em processo inicial.

O coral tem um formato de canto cênico. Há uma preparação tanto musical quanto de produção de figurinos e cenários para a temática escolhida para as apresentações.

A proposta da escola é que os dois projetos, coral e orquestra, desenvolvam atividades mais integradas, em formato de cantatas, como ocorrerá neste final de ano. Esse formato, além de integrar projetos escolares, permite integrar também a comunidade externa. Para tanto, os projetos são pensados como processos e produto. O coral já possui dois CDs gravados. Essa socialização da música produzida no espaço escolar ocorre em formato de apresentações, o que pode formar plateias. Além disso, em conversas com ex alunos da escola em apresentações musicais observadas, entendi que os projetos musicais tem inclusive indicado caminhos profissionais.

Pelo CEMAB ser hoje uma escola que tem uma história com o ensino de música no Distrito Federal, uma vez que foi a primeira escola pioneira fora de Brasília a ter coral e orquestra escolar, entendo que conhecer as práticas musicais atuais por meio das entrevistas realizadas com os dois professores que atuam com o coral e a orquestra do CEMAB, ajudam na compreensão de modos como o ensino de música tem sido desenvolvido em escolas de educação básica do Distrito Federal. Análises mais aprofundadas em trabalhos posteriores poderão elucidar concepções de ensino e práticas musicais que tem contribuído na construção da educação musical escolar do Distrito Federal.

Refletir sobre a música no contexto da educação básica no Distrito Federal em escolas como o CEMAB poderá fazer emergir ideias para futuras pesquisas que possam investigar registros históricos sobre a educação musical escolar que tenham ligação com a Escola CEMAB.

Percebo que a esta pesquisa, de caráter descritivo para conhecer as práticas musicais desenvolvidas no CEMAB, dá visibilidade a um projeto que nasce do interior da escola. Esses projetos só pode ser construídos se o professor tem as competências para promover experiências musicais significativas aos alunos.

Além disso, construir espaços para que a música aconteça em formatos de projetos escolares. Essa, talvez, seja uma contribuição da pesquisa, isto é, mostrar como a prática musical tem ocorrido em escolas de educação básica, especificamente, no ensino médio de escolas de tempo integral no Distrito Federal.

Por fim, trago lembranças que me marcaram durante esse meu processo com pesquisa. Ao assistir um dos concertos da orquestra e coral um ex aluno que estava do meu lado na plateia compartilhou comigo a alegria de ter conhecido a música na escola, de ter participado do coral Vocalize. Ele me disse que hoje é músico profissional, graças às influências e seu convívio com a música nesta escola.

O CEMAB, por exemplo, oferece essa opção ao aluno que aprende a cantar, a tocar um instrumento de orquestra, que tem a oportunidade de conhecer o universo erudito e popular, de fazer parte dessa transformação da prática pedagógica que o atual professor pode oferecer, com a conquista de um espaço para experimentação, vivências e reflexões na área de música.

Percebi que é possível fazer projetos musicais mais elaborados como a prática de orquestra, projeto que pretendo desenvolver em futuras pesquisas e como docente no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Delmary Vasconcelos. Tornar-se professor de música na educação básica: um estudo a partir de narrativas de professores. *Tese* (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

_____. Delmary Vasconcelos. Construção da Educação Musical Escolar no Distrito Federal. *Projeto de Pesquisa*. Programa de Pós-Graduação Música em Contexto, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. cf.

_____. Delmary Vasconcelos. Levino Ferreira de Alcântara: a gênese da educação musical escolar no Distrito Federal. In: (Org.) ABRAAHÃO, Maria Helena) *Histórias de Educadores de Destaque no Brasil*. EdiPUC/RS, 2015.

ALCÂNTARA, Levino F. Entrevista concedida a Delmary Vasconcelos de Abreu no âmbito do projeto: *A construção da Educação Musical Escolar no Distrito Federal*. UnB/MUS, em 07/08/2013. Brasília, DF.

ARROYO, Margarete. Adolescentes e a música popular: qual modelo de escola abrigaria essa relação de conhecimento e autoconhecimento? In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14, 2005, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: ABEM, 2005. p. 1-7.

ARROYO, Margarete. Mundos Musicais Locais e Educação Musical. *Em Pauta*: Revista PPG-Música/ UFRGS, v.13, n.20, p. 95-121, jun. 2002.

BEZERRA, Verônica Gurgel. Os professores de instrumento e suas ações nas Escolas Parque de Brasília: uma pesquisa descritiva. *Dissertação* de Mestrado do Programa de Pós-Graduação “Música em Contexto”. Brasília: UnB, 2014.

CABRAL, Clarice, ABREU, Delmary V. Professores de música pioneiros na educação musical escolar no Distrito Federal: fontes documentais e análise interpretativa. In: XXII Congresso da ABEM, 2015, Natal. *Anais...* Natal: ABEM, 2015. p. 78.

CRUVINEL, Flavia Maria. *Efeitos do Ensino Coletivo na Iniciação Instrumental de Cordas: A Educação Musical como meio de transformação social*. Goiânia: Dissertação de Mestrado - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2003.

FRANÇA, Neuza. Entrevista concedida a Cinira M. N. Henriques; Vera M. L. Catalão e Francisco H. M. De Souza. *Projeto Educação Básica Pública no Distrito Federal (1956-1964): Origens de um projeto inovador*. UnB/FE, em 11/08/2003. Brasília, DF.

FIGUEIRÔA, Arthur; MONTEIRO, Dielton. Explorando os sentidos da música na escola: um relato de experiência a partir do estágio supervisionado. XXI Congresso Nacional da ABEM, 2013, p. 1078-086.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GALVÃO, Carlos A. F. Entrevista concedida a Eva Wairos Pereira. *Projeto Educação Básica Pública no Distrito Federal (1956-1964): Origens de um projeto inovador*. UnB/FE, em 30/05/2003. Brasília, DF.

SWANWICK, Keith. *Música, Mente e Educação*: tradução Marcell S. Steuernagel. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

GIL (2011) apud BEZERRA, Verônica Gurgel. Os professores de instrumento e suas ações nas Escolas Parque de Brasília: uma pesquisa descritiva. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação “Música em Contexto”. Brasília: UnB, pg. 71, 2014

HENTSCHKE, Liane, *et al.* Inter-relação das atividades de composição, execução e apreciação musical: estudo de caso com banda de adolescentes In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 10, 2001, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: ABEM, 2001. p. 142-148.

JOLY, Ilza Zenquer. Formação de grupos musicais: ampliando as perspectivas de processos educativos, culturais e sociais. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16 – ABEM 2007. Campo Grande – MS. *Anais...* Campo Grande: ABEM, 2007, p. 01-04.

QUEIROZ, Andrea Matias. Experiências formativas de jovens instrumentistas: um estudo a partir de entrevistas narrativas. *Dissertação* de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Música em Contexto. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2015.

PENNA, Maura. Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música. Porto Alegre: Sulina, p. 59, 2015.

PUERARI, Márcia. A Orquestra de Flautas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Villa-Lobos: um estudo de suas funções para a comunidade escolar. Porto Alegre, 2005, 49f. TCC (Graduação em Música), Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RÊGO, Rosângela da Silva. O Coral e a interdisciplinaridade no Ensino Médio Centro Educacional 02 de Taguatinga-DF. XIII ENCONTRO ANUAL DA ABEM 18 a 22 de outubro de 2004. *Anais...* p 1-4. Rio de Janeiro – RJ DF, outubro. 2004

RÊGO, Tânia Maria Silva. Jovens, interações e articulações com a aprendizagem musical no contexto do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão (Campus Monte Castelo). *Dissertação de Mestrado*. Universidade de Brasília, pag. 120 2013.

SANTOS, Carla Pereira. Ensinar Música na Escola: um estudo de caso com uma Orquestra Escolar. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Tese de mestrado*. Programa de Pós- Graduação em Música. Porto Alegre. 2011.

SANTOS, Cristina Bertoni dos. Aula de música e escola: concepções e expectativas de alunos do ensino Médio. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós- Graduação em Música. Porto alegre. 2009.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 2005, p. 57-66.

SCHAFER, R. M. O ouvido pensante. São Paulo: Unesp, p. 279,1991.

SCHMELING, Agnes. Cantar com as mídias eletrônicas: um estudo de caso com jovens. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14, 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ABEM, 2005. p. 1-7.

SOUZA, Jusamara. (Org.) *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do IA da UFRGS, 2000.

SENA, Ibsen Perucci de. A Atuação Do Professor De Música Na Disciplina Arte No Ensino Médio: Um survey com as escolas da rede pública de Brasília DF. *Trabalho de conclusão de Curso* de Licenciatura em Música. Brasília: UnB, 2013.

7. APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu ELSA BY ANTUNES,
portador da carteira de identidade de nº 39.119.7976 ^{SP/SP}, disponho-me

voluntariamente a participar da pesquisa que está sendo desenvolvida pela
estudante clarice Cabral, do Programa de Graduação em Música da
Universidade de Brasília, cujo objetivo é investigar o meu percurso formativo na música
e minha experiência profissional como instrumentista e docente.

Autorizo a coleta de dados por meio de entrevista, bem como a publicação integral ou parcial
dos resultados obtidos sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data e conforme os termos apresentados a seguir:

A entrevista será feita por meio de chamada de vídeo gravada somente para fins didáticos e de
pesquisa, não podendo ser publicadas para qualquer outro fim;

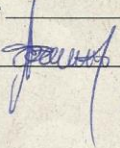
A entrevista não acarretará ônus financeiro para mim;

Eventualmente o meu nome poderá ser citado para a publicação dos
resultados dessa pesquisa, sendo vedada a citação para qualquer
outro fim; A qualquer momento posso tirar dúvidas referente à pesquisa, ao seu
andamento e/ou resultados, por meio dos contatos da pesquisadora,
no telefone (61)95335407 ou pelo e-mail clarice.cabral@gmail.com;

Terei direito de revisar a entrevista antes de sua análise ou da
publicação de resultados.

Nestes termos concordo em participar desta pesquisa.

Brasília de _____ de 2015.


Assinatura

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu José Augusto Pacheco

portador da carteira de identidade de nº 31.536 SSP/PR disponho-me

voluntariamente a participar da pesquisa que está sendo desenvolvida pela
estudante Clarice Cabral, do Programa de Graduação em Música da
Universidade de Brasília, cujo objetivo é investigar o meu percurso formativo na música
e minha experiência profissional como instrumentista e docente.

Autorizo a coleta de dados por meio de entrevista, bem como a publicação integral ou parcial
dos resultados obtidos sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data e conforme os termos apresentados a seguir:

A entrevista será feita por meio de chamada de vídeo gravada somente para fins didáticos e de
pesquisa, não podendo ser publicadas para qualquer outro fim;

A entrevista não acarretará ônus financeiro para mim;

Eventualmente o meu nome poderá ser citado para a publicação dos
resultados dessa pesquisa, sendo vedada a citação para qualquer
outro fim; A qualquer momento posso tirar dúvidas referente à pesquisa, ao seu
andamento e/ou resultados, por meio dos contatos da pesquisadora,
no telefone (61)95335407 ou pelo e-mail clarice.cabral@gmail.com;
Terei direito de revisar a entrevista antes de sua análise ou da
publicação de resultados.

Nestes termos concordo em participar desta pesquisa.

Brasília 18 de Setembro de 2015.

José Augusto Pacheco
Coord. Integral da Pesquisa
3DF-SEE-CRET-CEMAB

APÊNDICE B - Carta de Cessão de Direitos

APÊNDICE B – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu Jose Augusto Pacheco

(estado civil divorciado) carteira de identidade de número

31536 SSP/RD, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minhas

entrevistas e imagens, realizadas no período entre setembro e dezembro de 2015,

transcritas e revisadas por mim, para Clarice Cabral, podendo as

mesmas serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e

citações, desde a presente data.

Abdicando igualmente dos direitos dos meus descendentes sobre a autoria

das ditas entrevistas, subscrevo o presente documento.

Brasília 18 de Setembro de 2015.



José Augusto Pacheco
Coord. Integrat. Mat. 45.164-9
GDF-SEE-CRET-CEMAB

APÊNDICE B – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu ELSABY ANTUNES,(estado civil CASADO) carteira de identidade de número39.119.797-6 SSP/SP), declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minhas

entrevistas e imagens, realizadas no período entre setembro e dezembro de 2015,

transcritas e revisadas por mim, para Clarice Cabral, podendo as

mesmas serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e

citações, desde a presente data.

Abdicando igualmente dos direitos dos meus descendentes sobre a autoria

das ditas entrevistas, subscrevo o presente documento.

Brasília ____ de ____ de 2015.



Assinatura

APÊNDICE C - Roteiro de Entrevistas

1 DADOS PESSOAIS

- 1.1) Qual é a sua formação?
- 1.2) você é concursado?
- 1.3) desde quando está na Escola?
- 1.4) você oferece alguma disciplina?
- 1.4.1) quanto tempo você trabalha com essa disciplina?
- 1.5) você se lembra dos professores de Musica no CEMAB?
- 1.6) você conhece a história do tempo do Levino?

2. DADOS SOBRE A ATUAÇÃO PROFISSIONAL

- 2.1) Como você se Vê na Música na Disciplina Artes?
- 2.2) Como foi sua chegada na Escola?
- 2.3) Como você chegou na Escola?
- 2.4) Quando chegou, já era professor de Música?
- 2.3) Até que ponto foi a ideia do Levino e, e como foi tomando outros rumos?
- 3. Como a Escola Vê o trabalho de música?
- 3.1) As pessoas que estudaram no colégio e são da área de música?
- 3.2) Como é o ensino na Orquestra?
- 3.3) Como é que o ensino de música foi se construindo ao longo dos anos? O que foi feito nesses 55 anos de história ?
- 3.4) Como é a Orquestra hoje?
- 3.5) Como é o Coral hoje?

ANEXOS

ANEXO 1 – JORNAL CEMAB PROIPÊ

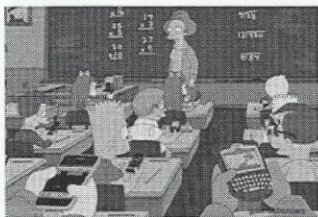


JORNAL CEMAB PROIPÊ

Jornal produzido pelos alunos do colégio CEMAB – Taguatinga – Brasília - DF | Junho - 2015 Nº II

TECNOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR

A tecnologia está em tudo. Hoje em dia todos usam celulares, *tablets* e outros aparelhos eletrônicos, principalmente os jovens, que levam seus celulares para onde vão, inclusive para a escola.



Fonte: www.debate9b.blogspot.com

A tecnologia está presente em todos os lugares e está dominando o mundo, já são poucas as pessoas que não usam nenhum tipo de tecnologia, pois esta está em tudo que nos rodeia,

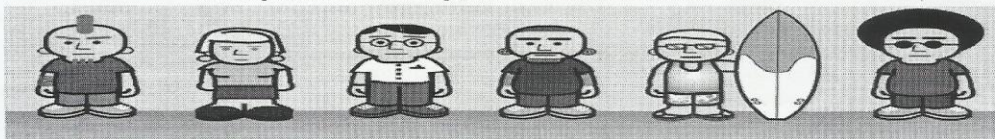
como TVs, computadores, celulares, são essenciais, por causa de avisos e relógios digitais e diversas outras opções. As pessoas usam aparelhos tecnológicos para tudo, principalmente os jovens, que atualmente quase não vivem sem seus celulares, *tablets* e computadores. Por não andarem sem seus aparelhos telefônicos, eles são muito comuns na escola, e no colégio CEMAB não é diferente, já que a maioria dos alunos os leva para dentro das salas de aula, mas de acordo com a lei, celulares são proibidos dentro do ambiente escolar, sendo passível de punição. Entretanto, como hoje em dia eles

são essenciais, por causa de avisos e outras emergências, a direção e os professores ainda são flexíveis quanto ao uso. A febre da *internet* é muito forte e os jovens passam a maior parte do tempo conectados à rede, o que não é um grande problema, pois os professores podem tirar vantagens disso e usar a *internet* e os celulares para fazerem uma aula melhor, mais produtiva e mais dinâmica com seus alunos.

Vinicius Solano - 1º VD

QUAL A SUA TRIBO?

São os gostos diversificados que tornam única a identidade do indivíduo.



Fonte: www.conexaoaluno.rj.gov.br/imagens

Tribos urbanas são grupos de pessoas com hábitos, valores culturais, estilos musicais e ideologias políticas semelhantes. Algumas tribos são denominadas de tribo do rock, do pagode, do hip-hop, entre outras.

É de alta importância, por questões de sociabilidade entre os jovens, pararmos para refletir o porquê da existência dos diferentes tipos de tribos. A explicação está na maneira como os jovens vêm compartilhando suas atividades, seus modos de vestir, bem como transmitir suas ideias e sentimentos quanto a determinado assunto. Vários exemplos do que aqui se trata podem ser vistos ao entrar no CEMAB, uma vez que somos capazes de identificar uma série de tribos nesse ambiente escolar.

Para se compreender o que cada tribo representa, há a necessidade de analisar as atitudes, os aspectos da identidade, que não são fixos, uma vez que o indivíduo pode ter diversificados gostos musicais, ideológicos e assim por diante, o que torna a identidade de cada um única.

A identidade jamais é completamente determinada, visto que cada estilo, não só juvenil, tem concepções que consideram sua cultura como aquilo que melhor se produziu no mundo. Na maneira de agir diante da sociedade, cada pessoa busca ser sociável com aquelas com quem têm afinidade ou que tenham algum tipo de semelhança na maneira de agir umas com as outras.

Dessa maneira, as reflexões do cotidiano de cada tribo têm como objetivo realizar análises de diferentes processos sociais e culturais do estilo de vida entre os jovens.

Laura da Silva - 1º VD

Projeto Água é realizado no colégio



No dia 25 de maio, tivemos no CEMAB um projeto sobre a água, em que todas as turmas tinham de montar uma espécie de *stand* expondo fotos sobre a percepção deles sobre a água.

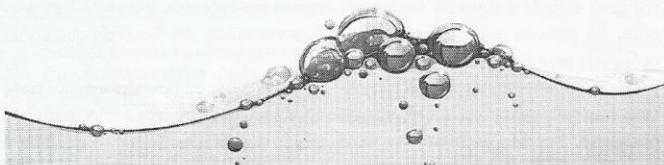
Muitas turmas tiveram ideias criativas, algumas fizeram suas exposições nas árvores, nas paredes, ou até mesmo no chão em forma de lago, mas um trabalho que chamou

muita atenção foi o de uma turma a qual fez sua própria árvore. Vocês devem estar se perguntando: "como assim fez sua própria árvore?" É simples, os alunos montaram sua árvore usando argila para fazer o tronco e os galhos. Foi um trabalho muito interessante e muito bem feito.

Esse trabalho não teve como objetivo somente dar pontos aos alunos, mas tam-

bém o de motivá-los a dar valor a esse bem tão precioso que é a água. Um dia, a água que bebemos, que usamos para cozinhar e para diversas outras utilidades pode acabar e, para que isso não aconteça, é preciso dar valor a ela.

Mikaella Pereira - 1º VF



Projeto Águas do DF: Facetas e Expressões

O Distrito Federal é considerado o berço das águas do Brasil, nessa região nasce bacias hidrográficas importantes para o abastecimento de água do país. O projeto *Águas do DF: Facetas e Expressões* oportunizou aos alunos conhecer as bacias hidrográficas do Distrito Federal e expressar, por meio de fotografias, seu olhar e sentimentos em relação a esse bem natural tão precioso. Assim, cada turma montou sua exposição com as fotografias de forma livre e criativa servindo como um alerta para preservação dos mananciais e uso racional da água.

Professora Virgênia Carneiro

Oficina: música como forma de arte

Dos dias 11 a 15 de maio, aconteceu a, no CEMAB, a Semana de Educação para a Vida. No dia 14, foi ministrada a oficina "Música como forma de arte", com palestras que foram bem descontraídas.

A Academia de Música Banzos foi convidada para realizar a palestra e três de seus integrantes foram até o CEMAB como representantes da academia.

Eles contaram histórias de como o grupo surgiu e os diferentes tipos de estilos: rock, reggae, sertanejo, entre outros e, obviamente, tocaram muito bem.

Com certeza os alunos tiveram muita honra em assistir a essa oficina. Todos obtiveram enriquecimento no sentido musical. Realmente essa oficina fez diferença para quem teve a oportunidade de assisti-la.

Amy Raquel - 1º VE

Oficina de Português

A oficina de português foi realizada no dia 14 de maio de 2015, com a exibição do filme "Escritores da Liberdade", que conta a realidade de jovens dos Estados Unidos, em que a maioria estava envolvida com gangues e tinha vários conflitos na escola, em seus bairros e casas.

Erin Gruwell é contratada para dar aula para esses alunos. No começo foi difícil tanto para ela quanto para os alunos, mas aos poucos ela conseguiu flexibilizar essa situação, dando-lhes um diário para que eles pudessem escrever sobre tudo que eles quisessem, e se eles permitissem, ela lia o diário.

Nesse filme pudemos ver muitas situações semelhantes que acontecem nas escolas do Distrito Federal, muitas vezes por falta de investimento do governo ou da própria escola. Se alguém "fizesse por onde", esses problemas poderiam ser amenizados.

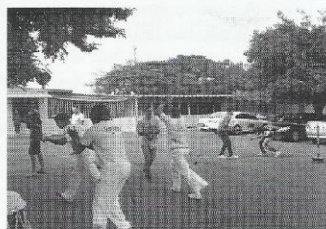
Gean Rodrigues - 1º VE

Semana produtiva

Todas as escolas públicas de Ensinos Fundamental e Médio realizam a "Semana de Educação para a Vida", com o objetivo de trabalhar os temas que não constam no currículo. O CEMAB realizou as seguintes atividades: palestras, oficinas, *Zumba*, *Jump*, Cine Club Ipê, jogos matemáticos, *English Lab*: Gincana de Inglês, capoeira, entre outras ações. Algumas dessas são feitas, além dos professores, pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). A Semana de Educação para a Vida faz parte do calendário escolar e conta com a participação de alunos e professores. A iniciativa atende a Lei Federal nº 11.988/09 no dia 27 de julho de 2009, que se dispõe sobre a criação da Semana nas escolas públicas do ensino fundamental e médio.

Essa semana é uma grande oportunidade para que possamos discutir assuntos que já fazem parte do dia a dia da escola, mas de forma diferenciada, em que o aluno pode tanto aprender quanto se distrair positivamente com atrativas atividades.

Gabriela Rocha Silva - 1º VD



Fonte: página oficial do CEMAB

CARTA AO LEITOR

**Atenção galera do CEMAB!**

Quer ter sucesso na sua redação?

O CEMAB oferece curso de Redação para Concursos, em turno contrário, para os alunos matriculados em 2015. Trata-se de um projeto do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID-CAPE/CNPq) do curso de LETRAS/UNB, sob a supervisão da professora Ana Cristina Codevila e aulas ministradas pelas pibidianas Ana Azêvedo, Brenda Marinho, Elis Uchôa, Jordana Felipe e Nayane Fernandes.

Inscriva-se.

Suzanne é eleita para a direção do CEMAB

A nova diretora ganhou a eleição com 75% dos votos e está feliz com a vitória.

Na quinta-feira do dia 20 de maio, aconteceu a eleição para a direção do Centro de Ensino Médio Ave Branca - CEMAB.

A escola possui uma reputação histórica de diretores e diretoras que acompanharam o desenvolvimento e acontecimentos culturais e políticos da cidade e do país. Tudo começou com o professor Roberto Araújo Lima, primeiro diretor do CEMAB, em 1961 (à época, Ginásio de Taguatinga).

A atual diretora, Suzanne Martins, e o vice-diretor, André Schiaulini, venceram na chapa 02 com 75% dos votos e dizem estar muito felizes com a vitória sobre os candidatos da chapa 01, André Martins e Thiago Macedo.

Estamos felizes, afinal de contas, é o futuro da escola e dos alunos que está em jogo.

Raul Sidrác - 1º VC

Cine Club Ipê

Ao assistir ao filme *Escritores da Liberdade*, lembrei-me das inúmeras vezes que vi um aluno desrespeitar um professor, ou um professor que tinha medo de se impor e exigir respeito dos alunos, por conta da agressividade deles. Lembrei-me das vezes que vi um aluno sofrendo em silêncio, sem acreditar em si mesmo, com baixo desempenho escolar por conta de problemas familiares ou por conta do medo.

Acredito que é muito importante o olhar dos professores para os alunos de um modo diferente. Conheço várias pessoas que passam mais tempo na escola do que em casa com os pais, então, talvez os problemas pessoais dos alunos como me-

do, insegurança, falta de motivação, estejam realmente mais visíveis aos educadores.

Adorei o filme! Identifiquei-me e acredito que isso de inspirar a motivação e acreditar em si mesmo é muito importante para nós. A escola é a nossa segunda casa, nós "crescemos dentro de uma", por isso é bom quando nos sentimos à vontade, quando temos prazer e gostamos de estar ali. Na escola, nós descobrimos o que somos e seremos no futuro, por isso é tão importante professores e alunos se ajudarem. Nós somos o futuro do mundo.

Tauanny Guedes - 1º VF

Altura do sinal da escola

Querida diretora,

Quero lhe informar que o sinal da escola é prejudicial à saúde por causa da altura do som. Eu e meus colegas pedimos isso com muito carinho, porque não é agradável, principalmente quando as pessoas estão passando perto do sinal. E, também, alguns alunos reclamaram de dor de cabeça, então, peço -lhe que coloque algo mais suave, como uma música.

Peço-lhe, também, que conserte os ventiladores, principalmente os da sala 01 e não coloque ar-condicionado, ele é prejudicial à saúde.

Agradeço a sua compreensão.

João Victor Cardoso - 1º VF

Jornal CEMAB vai à UnB

Na manhã de sábado, dia 11 de abril, os pibidianos da UnB reuniram-se para partilharem suas experiências em sala de aula nas escolas públicas do DF.

A equipe de português do curso de Letras ministrou uma oficina, mostrando a utilidade do Jornal Escolar. A troca de experiências deu-se por meio de um "bate-papo" entre as pibidianas do CEMAB e pibidianos participantes de outros cursos.

A manhã foi produtiva e os participantes tiveram a liberdade de escolher e produzir as reportagens do protótipo do jornal. Todo trabalho desenvolvido ocorreu sob supervisão do professor Dionei, coordenador do PIBID-Letras - Português/PBSL da Universidade de Brasília.

Equipe PROIPEC CEMAB

PALAVRAS CRUZADAS

© Revistas COQUETEL

Classe- tão	Registro (abrev.)	Das cida- des turis- ticas do RS	Esquema, idéia Sinhô de "anilha"	Automôvel como a Ferrari
→	→			
→		Embutir (a babá) Rádio (símbolo)	→	
→				O saber do café que cura a bebedeira
→				→
Engata	→	O trajeto da transla- ção da Tor- ra (Astr.)	(?) quentar: impu- lso na batida	
→				
Barcos equipados com arpaes	→	Certo com- primento Vinho, em "enofobia"	Gueira molto bom a	
→			→	
→				
Meneto de corpo do capaci- tista	→			Como fica a presa no parabriso o protetor
→				
→			Lamento (inter.) Passado, em inglês	→
→				
Desolver Os detento- res do pá- trio poder		O do "Inocenta" é José de Alencar		
→				
→				(?) back, livro eletrônico (inform.)
→				→
→			(?) Lopes, sambista	
→				
Diadema		Erto Clapton, composi- tor inglês		
→				
Dezdem; desprezo	→	Editar, em inglês		Siani com os dedos indicando vibração
→				→

Banco — nel. 4/ediz. 5/ginga — narrat.

FMI prevê queda do PIB brasileiro,

Entretanto, apesar dos resultados negativos, o FMI elogiou os programas sociais do país, como o Bolsa Família, mas afirmou que o progresso acrescenta difícil crescimento econômico sustentável e forte. “Nos últimos 12 a 15 anos, milhões de famílias foram tiradas da pobreza e foi aumentado o salário mínimo devido às políticas sociais. A desigualdade de renda sofreu redução e o acesso à educação e à saúde aumentou, no entanto, mais melhorias nos padrões de vida dependem de um aumento durável, equilibrado e forte, para garantir o crescimento seguido do emprego e do financiamento apoiado dos programas sociais fundamentais”, afirma um representante do fundo.

Linda Inês e grupo - 1º VC



EXPEDIENTE
JORDANA FELIPE MARIANO
Direção Geral: Ana Cristina Codevila
Diagramação: Douglas O. Coelho
Impressão: Gráfica CACP
Tiragem: 300 exemplares

Agradecimentos: à Direção do CEMAB, Suzanne Martins e André Schiaulolini, e a todos que contribuíram direta e indiretamente com a realização do Projeto.

Apoio: CAPES

ANEXO 2 – FOLDER

Elenco

♦ Adrian Felipe A. Bezerra	♦ Júlia Sousa
♦ Alexander S. Alves	♦ Larissa Verônica
♦ Amanda Reis	♦ Lauana Lodi
♦ Ana Paula do Carmo Alves	♦ Leonardo Brito
♦ Anderson Zabriel	♦ Lucas Silva
♦ Cássio Rodrigues	♦ Nathalia Vasconcelos
♦ Damiely Costa	♦ Marcelo Moura
♦ Eduardo Colmbira	♦ Maria Clara Machado.
♦ Érica Cavalcante	♦ Mathheus Brito
♦ Esthefany F. Carvalho	♦ Paulo Vitor B. da Silva.
♦ Fernanda Zouain	♦ Rafael Vinicius
♦ Iris Maria Gandra	♦ Taciana A. Fontenele
♦ João Manoel	♦ Tamielis Santos
♦ João Pedro Fernandes	♦ Vinicius Gomes
♦ Jonhny Carvalho.	♦ Werley Peterson Tomas

Direção musical e regência

♦ Professor José Augusto Pacheco.

Produção executiva

♦ Professora. Deusanir Rocha

Técnica Vocal

♦ Renata Dourado

Estética e diagramação

♦ Professora Renata Greis da Costa de Oliveira

Filmmaker

♦ Professor André Couto

Preparação cênica

♦ Professor Kaili Alencar

Participação especial

♦ Academia Camerata Real

Solistas

♦ Renata Dourado e Gustavo Rocha

Patrocínio

♦ Vip Formatura & Eventos

Agradecimentos especiais:

♦ Equipe Diretiva do Colégio Cernab—2015

♦ Stúdio Grillo's

♦ Apoio cultural—Sinpro—DF

Mestre de Cerimônia

♦ Gilson Montblanc

Espetáculo Encanto



MPB, ROCK, SOUL,
ERUDITO, CLASSICOS & GOSPEL

Vocalize in Concert 2015

O Grupo Vocalize está inserido no PROJETO DA ESCOLA INTEGRAL, foi criado em 2011, no Centro de Ensino Ave Branca—CEMAB, Taguatinga-DF, pelo professor de artes José Augusto Pacheco.

O grupo surgiu da necessidade de oportunizar aos estudantes do CEMAB, um contato mais próximo com a arte.

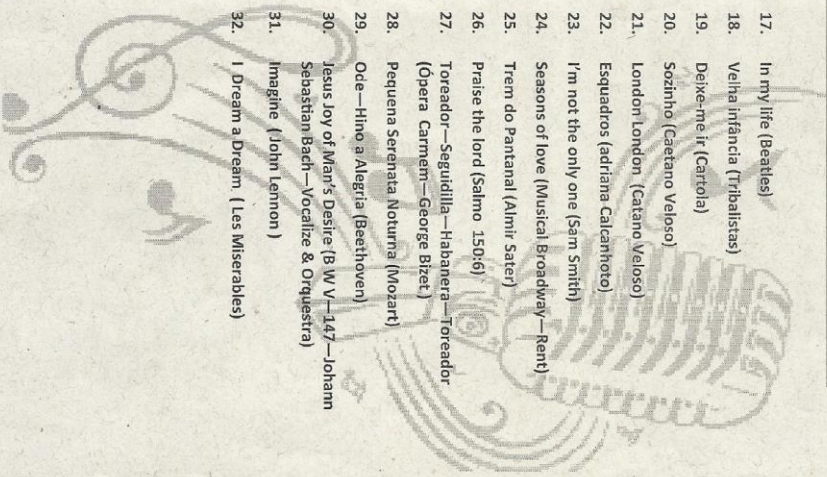
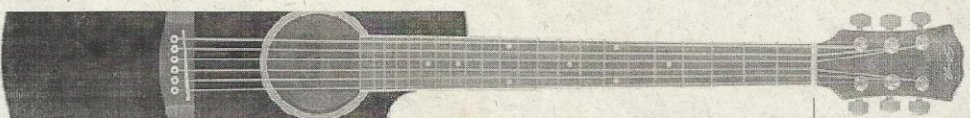
O Vocalize cresceu tanto que hoje conta com a participação de alunos e ex-alunos que viram no ensino da música uma forma de desenvolver suas aptidões intelectuais e sociais.

Os estudantes se encontram todas as manhãs de sábado para a reparação técnica vocal, além do trabalho rítmico.

Agora em 2015 lançam o seu 2º CD com músicas clássicas, eruditas, gospel, MPB, Rock e Pop.

Repertório

1. Abertura : Aquararia do Brasil (Ary Barroso)
2. Mais que nada (Jorge Ben Jor e Sergio Mendes)
3. Nessun Dorma (Ópera Turandot—Giacomo Puccini)
4. Raise me up (Rolf Lovland)
5. Hallelujah (Leonard Cohen)
6. Brave (Patrick Doyle & Marilion)
7. Oh Fortuna (Ópera Carmina Burana—Carl Orff)
8. Upa Neguinho (Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri)
9. Vermelho (Chico da Silva)
10. Baique (Chico Buarque)
11. Sow in Tears (Salmo 126:5—Richard Smallwood)
12. Teresinha (Chico Buarque)
13. Home (Phillips Phillips)
14. Father's Song (Car Stevens)
15. Still Got the Blues (Gary Moore)
16. Se (Djavan)
17. In my life (Beatles)
18. Velha infância (Tribalistas)
19. Deixe-me ir (Carola)
20. Sozinho (Caetano Veloso)
21. London London (Caetano Veloso)
22. Esquadrões (Adriana Calcanhotto)
23. I'm not the only one (Sam Smith)
24. Seasons of love (Musical Broadway—Rent)
25. Trem do Pantanal (Almir Sater)
26. Praise the lord (Salmo 150:6)
27. Toreador—Seguidilla—Habanera—Toreador (Ópera Carmen—George Bizet)
28. Pequena Sereenata Noturna (Mozart)
29. Ode—Hino a Alegria (Beethoven)
30. Jesus Joy of Man's Desire (B W V—147—Johann Sebastian Bach—Vocalize & Orquestra)
31. Imagine (John Lennon)
32. I Dream a Dream (Les Miserables)

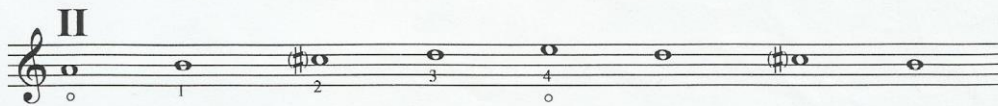
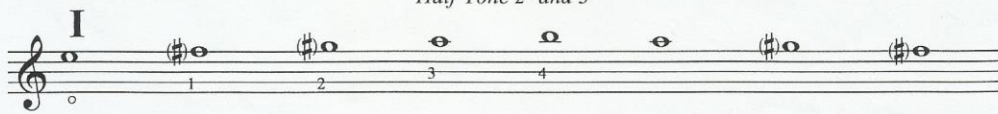


ANEXO 3 – APOSTILA

The Violin Strings

(Basic Form)
Half-Tone 2° and 3°

Elsaby Antunes



The Violoncello Strings

(Basic Form)
Half-Tone 3° and 4°

